

DA FAMÍLIA

De Valério Romão

Encenação MARCO ANTONIO RODRIGUES
Producao TEATRÃO
2021

QUANDO SE PÔS O MEU IRMÃO FORA DE CASA

O PAI, a MÃE e o ANTÓNIO estão a assistir ao preço certo. Ouve-se um diálogo na televisão de que percebemos unicamente uma palavra que alguém repete mais alto: «espetáculo!». O ANTÓNIO parece aborrecido, apesar de estar a maior parte do tempo no telemóvel. A MÃE anda entra a cozinha e a sala, a preparar o jantar. O cão está deitado no tapete da sala.

CENA 1.1 | SALA

PAI (HENRIQUE)
MÃE (MARTA)
FILHO MAIS VELHO (ROGÉRIO)
FILHO MAIS NOVO (ANTÓNIO)
NERO, O CÃO

PAI São tão estúpidos. Portugal não anda para a frente porque isto é um país de atrasados mentais.

MÃE (da cozinha)
Querem tomate na salada?

PAI e ANTÓNIO (simultaneamente)
Não!

MÃE Que chatos!

PAI Chato é um gajo ter que comer o que cozinhas

Da televisão ouve-se «espetáculo», PAI e ANTÓNIO riem ao mesmo tempo.

MÃE (ainda da cozinha)
Deram comida ao cão?

PAI Eu disse ao filho para dar.
(para António)
Deste-lhe

ANTÓNIO (no telemóvel, distraído)

PAI Ó da lua! Ei! Deste comida ao cão?

ANTÓNIO Hein? O quê?

PAI Des-te co-mi-da ao Ne-ro?

ANTÓNIO Dei. Há umas horas. Logo depois de almoço. Mas ele anda a comer mal.

MÃE (entrando na sala)
São as saudades.

PAI Saudades do quê, mulher?

MÃE (aborrecida)
Oh!

PAI Não, diz lá, saudades do quê?

MÃE Não é do «quê», Henrique, mas de quem. E tu sabes.

PAI Não, não sei.

ANTÓNIO (metendo-se na conversa)

O cão, a ter saudades, é de quando alguém ainda o levava a passear como deve ser. Não é estas corridinhas ridículas à rua. O bicho sai, faz xixi ou cocó à pressa e mal dá por ele já está em casa outra vez.

Isso não são saudades. É tristeza.

PAI Já que estás aí com essas conversas, cheio de moral, podes ser tu da próxima vez a levá-lo e dares uma volta com ele como deve ser.

A MÃE aproxima-se da janela da sala, que tem a persiana corrida.

ANTÓNIO O cão nem é meu!

PAI O que é que isso interessa? Não estás cá em casa? Achas que isto é uma pensão, que não tens de contribuir com nada?

Faz-te bem fazeres qualquer coisa por ti abaixo.

(Pausa. Para a MÃE)

Afasta-te lá daí e vai lá tratar de acabar o jantar que eu estou cheio de fome.

MÃE Ó Henrique (sentida), pelo menos o telejornal.

ANTÓNIO Ele não liga nenhuma ao telejornal.

MÃE Liga sim, que ele não é como tu, dos telemóveis e dos computadores e dessas coisas. Ele gosta de ver notícias e de estar a par do que se passa no mundo!

ANTÓNIO Te garanto que vejo mais notícias aqui (mostra o telemóvel) do que vocês todos no telejornal. O mundo mudou muito, mãe.

PAI Vocês jovens é que não. Sempre com a mania que sabem mais do que todos os outros...

MÃE Henrique... (pedinchando) Vá lá...

PAI (para ANTÓNIO) Nem um telejornal vês, nem um documentário, nada. Agarradinho a essa merda é que deves perceber o que se passa no mundo...

ANTÓNIO Sim, é com o «martelo de orelhas» que há cem anos que apresenta o telejornal que vou aprender coisas.

MÃE Deixa-o. Não vês que ele é tontinho? Deixa-o da mão.

PAI Uma galheta de mão aberta nunca fez mal a ninguém... Já a falta delas...
(senta-se)

MÃE E o menino, Henrique? (sai a televisão)

PAI O que é que tem o menino?! O «menino» está bem. Está onde deve estar. Está sossegado, ao contrário de vocês, que nem me deixam estar meia hora sossegado a ver um programa de televisão...

O NERO ladra.

PAI É aquele cromo com as parvoíces dele (apontando para ANTÓNIO), convencido de que por ter uma penugem nas pernas já pode cagar d'alto as suas sentenças como se percebesse, de facto, alguma coisa do mundo. És tu todos os dias com a conversa do Rogério. Ele não fez as suas escolhas? Não lhe disse claramente, todos os dias e com toda a paciência do mundo, o que lhe ia acontecer caso continuasse a portar-se mal comigo? Contigo? Até com o irmão, que estes dois são como cão e gato? Eu bem lhe disse que se punha na linha ou eu metia-o na rua. Não disse?

(olhando para a MÃE)

Não disse?

MÃE Disseste.

PAI E mesmo assim, o que é que aconteceu? Fui eu que o pus a andar? Ele abusou, abusou, abusou e eu – porque tenho outra idade, e outra paciência – fui lhe dando todas as oportunidades do mundo. Não o obriguei a nada senão a respeitar-me e a respeitar as regras desta casa. Quem ganha o pão, faz as regras. Ele não gostou e pôs-se a andar. Que culpa tenho eu?

(olhando para ANTÓNIO)

Que culpa tenho eu? (vai abrir a janela)

PAI É só até acabar o telejornal, ouvistes? (genérico do telejornal)

MÃE Sim, sim, sim...

PAI Agora calem-se que está a começar.

CENA 1.2 | SALA

PAI (HENRIQUE)

MÃE (MARTA)

FILHO MAIS VELHO (ROGÉRIO)

FILHO MAIS NOVO (ANTÓNIO)

NERO, O CÃO

(fecha-se a janela)

MÃE (para o pai)

Ó paizinho, achas que um dia podemos pensar numa solução para este problema que arranjámos, a ver se finalmente a família, percebes, a ver se pomos as coisas para trás das costas, que ser cristão é isso mesmo, ser capaz do perdão

(abre-se a janela)

juntos no melhor e no pior, e estive a pensar que...

PAI (interrompendo)

Estamos a ver o telejornal. Se não te interessam as notícias, pelo menos respeita a quem interesse, sim?

MÃE Claro, claro (trovão)

Ai, valha Deus Nosso Senhor, Maria Jesus e José

Vai-se por muito frio este inverno. Vi nas notícias.

ANTÓNIO (olhando no telemóvel)

Aqui não diz nada disso...

MÃE E? Queres comparar as notícias com isso?

ANTÓNIO Porque não? a televisão gasta muito mais recursos, ao menos no telemóvel as notícias são muito mais rápidas.

PAI E tu sabes como é que eles fazem esses telemóveizinhos e computadorzinhos e ecrãs e essas tretas todas a que vocês passam a vida agarrados as fábricas não consomem recursos?

(fecha-se a janela)

Eles têm de enfiar crianças em minas de lítio para fazer as baterias dessas maquinetas.

ANTÓNIO (pausa. silêncio)

Mas porque é que (abre-se a porta)

PAI A culpa não é minha, eu não uso essas merdas!

ANTÓNIO Mas porque é que iam pôr crianças a minerar lítio? Qual o sentido disso? As crianças não têm força para usar uma picareta ou carregar baldes de terra. Onde é que viste isso?

MÃE Vai ser um inverno muito mais frio do que no ano passado e o ano passado já foi bastante frio. Tu lembras-te (para PAI) quanto gastámos em luz só em Janeiro e só para aquecer o quartinho do ROGÉRIO.

PAI Do Nero. O quartinho já foi do ROGÉRIO. Agora é do Nero. (o tempo acalma)

(para ANTÓNIO)
És mesmo parvalhão. Se soubesses como eles tiram o lítio das minas não fazias comentários parvos.

MÃE (enquanto o PAI fala, em voz baixa) Lítio das minas? Lítio das minas?

PAI Não vês nada. Não te informas. Não te interessas. E depois só fazes figuras tristes.

MÃE (para PAI)
Acho que podíamos falar disso um dia destes, não achas?

ANTÓNIO Estou aqui a pesquisar e não encontro nada sobre crianças e minas de lítio.

PAI Falar de quê, mulher, falar de quê?

MÃE Do quarto do Rogério. Do Nero.

PAI Não há nada para falar sobre isso.

MÃE Como não há nada para falar?

PAI (para ANTÓNIO)
Achas que eles iam pôr isso aí para toda a gente ver? «Olhem aqui práς crianças a tirar lítio das minas», «olhem tão giras que elas ficam com os bracinhos a brilhar no escuro e os dedinhos a cair ao fim de uns meses?» Achas que alguém comprava essas porcarias depois disso?

ANTÓNIO Pai, o lítio não é radioactivo.

PAI É sim! Eu vi um programa sobre isso, seu burro!

ANTÓNIO Diz aqui que não é
(mostra o telemóvel ao pai, que não dá atenção)

MÃE Ele tem-se portado tão bem desde que saiu de casa. Tão bem. Dói-me o coração de o ver ali fora. E o frio ainda nem começou. Diz que este inverno é capaz até de nevar.

PAI Em lisboa, mulher? (trovão)
(levanta-se para ir fechar a janela)

MÃE Com esta coisa das alterações climáticas de que eles estão sempre a falar pode perfeitamente nevar este inverno em Lisboa.

ANTÓNIO Não é nada radioactivo! Não diz em lado nenhum que o lítio minerado seja radioactivo!

PAI Isso é para não assustar as pessoas. Ninguém comprava essas porcarias se lhes dissessem que as baterias são radioactivas.
(fecha-se a janela)

MÃE O que me assusta mais, na verdade, não é a neve. É o granizo. Quando arrefece mesmo muito são capazes de chover pedras do tamanho de cubos de gelo. Até os carros amolgam. Imagina se caem na cabeça de alguém...

PAI (silêncio)
Achas mesmo que os alentejanos, desconfiados como são, iam deixar fazer minas se soubessem a verdade?

ANTÓNIO O lítio não é radioactivo!

PAI É um bocadinho, filho! Não é muito, mas é um bocadinho!

MÃE Podíamos voltar a pôr o cão na marquise. Eu arrumava tudo no fim-de-semana, não tinhas de te preocupar com nada.

ANTÓNIO (para PAI)
Então e em que países é que eles punham as crianças nas minas de lítio a trabalhar?

PAI Em África.

ANTÓNIO África não é um país.

PAI Não me lembro. É daqueles países com nomes esquisitos. Eram uns pretinhos pequeninos, muito magrinhos. O que até tem lógica. Gordos já não servem.

MÃE Se chover muito, como eles estão a prever, a roupa não seca. Já aqui em casa, na marquise, com aquele estendal portátil do Lidl temos dificuldade.

ANTÓNIO Mas o que é que a gordura tem a ver com a mineração do lítio?

PAI É nestas coisas que se vê que não tens cultura nenhuma, que não te informas, que não vês notícias. Aquilo é só rocha. Os adultos não cabem lá.

MÃE Imagino só uma pessoa só com a roupa do corpo. Ui ui..

PAI As crianças é que conseguem entrar naqueles buraquinhos e recolher o minério. Aquilo... eles mostraram.., parecem favos. Favos brilhantes. É por isso que elas ficam doentes depois. Mas olha, é assim.

MÃE Uma pneumonia é coisa séria.

PAI Sem crianças não teríamos lítio.

MÃE Até nos jovens.

PAI Pensa nisso antes de estragar esse telemóvel e me pedires dinheiro para outro.

ANTÓNIO E depois os bracinhos brilham no escuro e caem?

PAI Os braços não, só os dedos.

ANTÓNIO Tu é que disseste que os braços brilhavam...

PAI Mas não caem!

ANTÓNIO Isso não faz sentido nenhum! Estou a pesquisar e não vejo aqui nenhum relato de uma epidemia de crianças sem dedos em África.

PAI O mundo às vezes não faz sentido!

MÃE O mundo às vezes não faz sentido...

CENA 1.3 | SALA

PAI (HENRIQUE)
MÃE (MARTA)
FILHO MAIS VELHO (ROGÉRIO)
FILHO MAIS NOVO (ANTÓNIO)
NERO, O CÃO
MULHER DE ROGÉRIO
FILHO DE ROGÉRIO

ANTÓNIO (a gritar)
Ó mãe, ó mãe, vem cá ver isto!

MÃE (grita da cozinha)
O que é que foi? Estou a fazer o jantar. Já vou.

ANTÓNIO Deixa lá isso e anda cá ver isto!

MÃE Não posso que deixo queimar a cebola! E já sabes como é que o teu pai fica quando lhe sabe a cebola queimada! É certinho que não se cala com isso até à semana que vem!

ANTÓNIO Desliga o fogão! É o mano, é o mano! Não vais acreditar!

(ouvem-se coisas a cair na cozinha e passos apressados no corredor)

MÃE Já me puseste tão nervosa que deixei cair um tabuleiro cheio de farinha. Vou levar horas a limpar aquilo.
(sacode o avental de farinha, a cara)
Espero que estejas contente. O que é que foi?

ANTÓNIO (aponta lá para fora)
Olha...

MÃE Jesus Maria José. O que se passa ali?

ANTÓNIO (gaguejando)
É o mano e... e uma mulher. E parece um bebé ao colo dela.

MÃE Não pode ser, António! O mano não é casado! Nem namorada tem!

ANTÓNIO Ó mãe, não tinha! Não tinha!

MÃE Mas como é que é possível? Ainda ontem quando corri a cortina depois de me despedir dele estava ele sozinho! Vais me dizer que arranjou namorada e filho da noite para o dia?

ANTÓNIO Se calhar tinha-os escondidos... O que é que vamos dizer ao pai?

MÃE Escondidos? Escondidos onde? E porquê?

ANTÓNIO Sei lá eu!... Olha, se calhar o tempo passa de forma diferente lá fora. Tipo mais rápido... Que idade tem o mano?

MÃE Vinte e três. Como é que não te lembras da idade do teu irmão?

ANTÓNIO Eu tenho péssima memória para datas e aniversários e isso. Tu sabes. Ele não te parece muito mais velho?

MÃE Nisso sais tal e qual ao teu pai. (pausa)

Parece bastante mais velho, sim. Quer dizer, eu não estou acostumada a dar-me com gente dessa idade, mas pelo que vejo na televisão, ele parece mais velho, sim. Ou mais gasto.

ANTÓNIO A vida lá fora deve ser bastante mais difícil. Ali exposto dia e noite ao frio, ao calor, à chuva... Com as alterações climáticas ainda vai ficar pior.

MÃE (fugindo-lhe o sotaque para o sotaque da terrinha no Norte)
Ó carago que já sou abó...

ANTÓNIO O que é que ele me é a mim, o miúdo?

MÃE Sobrinho, seu tonto!

ANTÓNIO Eu sou tio?

MÃE Tu és tio...

(a porta da rua abre-se. O PAI chegou a casa)

PAI (entra na sala a falar consigo mesmo, pendura o casaco no bengaleiro, mete as chaves em cima de um móvel, etc)

Aquela besta, que não tem outro nome, esperou mesmo que eu acelerasse para se atravessar à minha frente!...
(olhando em seu redor e vendo que tanto MÃE como ANTÓNIO estão de pé a olhar pela janela)

O que é que se passa aqui? Parece que estás hipnotizada...

MÃE Senta-te, paizinho, senta-te...

PAI Farto de estar sentado estou eu, que é o que faço o dia todo naquele escritório!

(olha lá para fora)

O que é que se passa ali?

Quem é aquela garota?

(aguçando o olhar)

Aquilo é um bebé no colo dela?

MÃE Parabéns, paizinho...

PAI (embasbacado)

Alguém me explica o que se passa aqui?

ANTÓNIO O mano tem uma namorada. E um filho. Eu sou tio!

PAI Como é que isto aconteceu?

ANTÓNIO (explica, bem-humorado)

Então, o mano deve tê-la conhecido lá fora. Convidou-a para jantar ou para beber um copo. Não sei como é que eles fazem lá fora. Depois se calhar a conversa correu bem e convidou-a outra vez. E outra. E depois começaram a dar beijinhos. E depois... E depois... E depois!

MÃE Porco!

Paizinho, olha o teu filho, que mal-educado!

PAI Porra...

(pausa)

E agora?...

ANTÓNIO Como é que lhe vamos chamar?

PAI O quê?

ANTÓNIO Como é que lhe vamos chamar, ao bebé?

PAI Olha, pela primeira vez fazes uma pergunta de jeito...

ANTÓNIO (entredentes)

Parvalhão...

PAI O que é que disseste?

ANTÓNIO Nada, não disse nada!

PAI Repete lá o que disseste!

MÃE Vocês os dois deixem-se de parvoíces que não é altura para isso!

PAI Este teu filho às vezes tem a mania que é esperto...

ANTÓNIO É menino ou menina?

MÃE (aproxima-se da janela)

Ai, não sei, com esta idade não é fácil perceber...

(pausa)

A mim parece-me mais carinha de menina...

PAI (aproximando-se também da janela)

Não sejas parva, não se vê logo que é um menino! É tal e qual o Rogério quando tinha a idade dele.

MÃE Dá algumas parecenças, é verdade...

PAI Quando ele crescer logo se vê melhor...

MÃE Agora temos de arranjar o quartinho para eles, paizinho!

Com uma criança eles não podem ficar ali ao frio e à chuva. Ainda por cima, dizem na televisão que este inverno vai ser...

PAI Nem pensar! Sabe-se lá por onde andaram e o que aprenderam! Podem ter piolhos e pulgas e sabe-se lá que mais! E as doenças? Nem pensar. Ainda nos pegam alguma coisa ou ao cão!

ANTÓNIO (faz um ar de enojado) Foda-se

MÃE Quais doenças, paizinho! Eles são tão novinho, olha lá para ela, olha lá bem para ela, achas que uma miúda tão novinha e tão bonita tem doenças?

PAI Lá isso bonita é, o garoto não foi parvo a escolher...

(ri-se)

Mas nunca fiando. Anda aí uma gripe terrível. O meu chefe não vem trabalhar há três dias. Três dias! Ele nunca tirou um dia por doença! É a primeira vez! A gente sabe lá onde essa gente andou e com quem? Devem estar carregadinhos de bicheza! Nem pensar!...

O que é que é o jantar?

ANTÓNIO (por detrás de PAI e MÃE, virados lá para fora, ANTÓNIO faz o mesmo gesto que tinha feito há momentos, imitando uma cópula)

MÃE Pataniscas. Pataniscas!

PAI Ótimo, estou cheio de fome...

MÃE (a dirigir-se para a cozinha) Pataniscas!

CENA 1.4 | SALA

PAI (HENRIQUE)
MÃE (MARTA)
FILHO MAIS VELHO (ROGÉRIO)
FILHO MAIS NOVO (ANTÓNIO)
NERO, O CÃO
MULHER DE ROGÉRIO
FILHO DE ROGÉRIO (Adolfo)

MÃE (a olhar lá para fora, embevecida)
Que grande que ele está, paizinho...

PAI (resmunga incompreensivelmente)

ANTÓNIO (atento à televisão onde está a dar um jogo)
Mas porque é que ele não passa a merda da bola???

PAI Calem-se!

MÃE Olhem, olhem! O Rogério está a atirá-lo ao ar como tu fazias com ele quando era pequenino! Venham ver!
(pausa)
Que menino tão bonito.
(pausa)
Acho que é o menino mais bonito que já vi até hoje.

PAI Disseste isso do Rogério e do António, e vê lá no que se tornaram...
(ri-se para António)
O outro pelo menos conseguiu arranjar namorada. Já este...
(olha para António com desdém, este finge não ouvir)

MÃE Ele dá muitos ares ao Rogério, mas é mais bonito.
(pausa)
Não sei, são os olhos. Acho que sai à mãe.

PAI Esperemos que sim...
(ri-se)

ANTÓNIO Não sei... A mãe não é assim tão bonita...
(pausa)
Talvez quando chegaram o fosse mais. Não reparei. Mas agora está com muito mau ar.

PAI Não reparaste... Manganão...

ANTÓNIO Eu não ligo nenhuma a gajas!

PAI Fazes bem.

(ri-se)

Acho que elas também não te ligam nenhuma a ti!

MÃE Ó paizinho, deixa-te lá disso, o menino não é assim tão feio...

ANTÓNIO Obrigado, mãe. (apito)

PAI Olha lá, como é que estes camurços aqui de cima ouvem os apitos primeiros que nós?

ANTÓNIO Não sei... Que apitos? (apito)

PAI É uma operadora diferente?

ANTÓNIO Não, aqui nesta zona é tudo a mesma...

PAI Então como?!

ANTÓNIO Já te disse que não sei!

PAI Não é a primeira vez... Lembras-te dos quartos de final da Liga dos Campeões?

ANTÓNIO Não.

PAI Quando o Chavela marcou o golo do empate ouviu-se lá em cima primeiro.

ANTÓNIO Se calhar estão a ouvir na rádio...

PAI Não, não me parece. Devem ter mais comprado mais canais. Com tantos putos em casa...

Parecem coelhos...

A internet deles é mais rápida. (apito)

ANTÓNIO Isto não tem nada a ver com a velocidade da internet.

MÃE O menino disse papá! Estão a ouvir? O menino disse papá!

PAI Então tem a ver com o quê?

ANTÓNIO (para mãe)

Como é que sabes?

MÃE Eles estão a festejar! Venham cá ver!

PAI (para ANTÓNIO)
Então tem a ver com o quê?

ANTÓNIO GOLO! GOLO! GOLO!

PAI GOLO! Foda-se! Assim é que é! Grande cruzamento! Grande cabeçamento!

ANTÓNIO Eu não te disse? Eu não te disse que era o Varaldo!

PAI Não é nada o Varaldo, mas não se vê logo que é o Matias!

ANTÓNIO Tu é que não deves estar a ver bem! Não vais ao médico, não...

PAI Olha, vê lá se não queres apanhar

ANTÓNIO Pois, pois! O Matias, mas o Matias alguma vez tinha aquele caparro?

PAI (para a televisão)
Rogério? Oh, Marta, o Rogério está na televisão!
Onde é que estão os meus óculos? (levanta-se para procurar os óculos) Rogério? Oh, Marta!

ANTÓNIO Mas que Rogério? Primeiro era o Matias, agora é o Rogério? Tomara o Rogério ser assim!... Mas qual Rogério? Valardo! Valardo!

PAI (a sair da sala)
Onde é que estão os meus óculos?

(ANTÓNIO também se levanta. Quando está quase a sair da sala, olha pela janela. Lá fora está somente a «cunhada». Não se vê o ROGÉRIO nem o ADOLFO. ANTÓNIO começa a mandar-lhe beijinhos, a abanar as ancas, a fazer-lhe gestos entre o erótico e o pornográfico. Por fim, baixas os calções e mostra-lhe o pénis. A figura do outro lado desaparece.)

CENA 1.5 | SALA

PAI (HENRIQUE)
MÃE (MARTA)
FILHO MAIS VELHO (ROGÉRIO)
FILHO MAIS NOVO (ANTÓNIO)
NERO, O CÃO
MULHER DE ROGÉRIO
FILHO DE ROGÉRIO (Adolfo)

ANTÓNIO Pai. Pai!
(o PAI parece estar meio adormecido)

PAI Hein?

ANTÓNIO O que é que há para comer?

PAI Há um resto de massa.

ANTÓNIO Não consigo comer massa outra vez...

PAI É o que há...

ANTÓNIO Podemos mandar vir qualquer coisa?

PAI O que é que queres mandar vir?
(pausa)
Tudo menos peixe cru...

ANTÓNIO Estava a pensar naquele franguinho com molho agri-doce
que eles fazem naquela tasca que descobrimos na semana passada,
aquele que comemos na terça passada.

PAI Segunda.

ANTÓNIO Ou isso...

PAI É o 239.... Ahn?
O número está praí num monte desses...
(aponta vagamente para trás de si)

ANTÓNIO Ich... Se calhar é melhor pensarmos noutra coisa...

PAI Acho que ainda há aquelas bolachas que parecem pipocas
prensadas

ANTÓNIO E vamos jantar bolachas?

PAI Era a primeira vez?

(NERO destrói a casa à frente deles)

ANTÓNIO Pai.

Achas que a mãe vai ficar assim para sempre?

PAI Podes ir até lá buscar os frangos. Não é longe.

ANTÓNIO Tu sabes que eu não gosto de ir lá fora.

PAI Vais ter de te habituar.

Eu e a tua mãe não vamos andar aqui para sempre.

ANTÓNIO Ela vai melhorar, não vai?

PAI Não vamos para mais novos e a qualquer momento nos pode dar um badagaio e ficas aí sozinho. Olha aquele do segundo andar, mais novo que a gente e a mulher já patinou. Ficou sozinha... com quatro crianças para cuidar.

Por falar disso, tem-la visto?

ANTÓNIO Estou preocupado com ela. Está muito mais magra. Parece que envelheceu dez anos em pouco mais de dois meses.

(pausa)

Estar lá fora também não lhe faz bem.

PAI Nem esse nem o cão. Tens visto o Nero?

ANTÓNIO Se era para desaparecer assim era melhor o mano nem ter voltado.

PAI Olha, muda aí que vai começar o Preço Certo

Ajuda-me aqui a procurar o comando.

(o pai levanta-se e começa a revolver as pilhas de coisas à procura do comando)

ANTÓNIO Eles e o miúdo. Que será que lhes aconteceu?

PAI (revira a tralha da mesa atrás do sofá)

Olha só o que estava aqui pelo meio disto...

(pega numa foto de família antiga e mostra-a ao ANTÓNIO, que mal olha para ela)

ANTÓNIO O miúdo deve ter morrido. Por isso é que eles desapareceram. É preciso serem muito estúpidos. Com aquela idade nenhuma criança sobrevive lá fora...

PAI Não me lembro destas pessoas, acreditas? É como se não fôssemos nós.

(pausa)

Isto deve ter sido quando fomos ao Gerês. A tua mãe não falava de outra coisa. Queria ver pássaros e natureza.

(pausa)

O teu irmão, lembras-te?, atirou-se para dentro de uma lagoa gelada, ia morrendo. Se não fosse aquele polícia de férias mais a família, tinha ficado lá. A tua mãe não sabe nadar, eu tenho uma alergia ao frio que me rebenta uma brotoeja pelo corpo todo só de pensar nisso. Água fria, então, nem vê-la.

Tínhamos aquele cão à altura, o Bravo. Um cão d'água português. Enfim... Arraçado de cão d'água. Eu bem tentei que ele saltasse para o laguinho e fosse buscar o teu irmão. Mas o que ele tinha de rafeiro era muito mais do que de o que tinha de cão d'água. O estúpido do bicho ficou a olhar para mim. Quando o tentei empurrar mordeu-me. Mandeí-o abater assim que chegámos a Lisboa. Lembras-te?

ANTÓNIO (Muda para o Preço Certo) Eles tinham sido muito mais felizes se não tivessem feito aquele gaiato. Já estavam habituados a viver lá fora. Podiam ter viajado, conhecido outros sítios e outras pessoas. Podiam até ter saído do país! Podiam ter ido a Espanha, a França. Até a Inglaterra. As pessoas lá vestem-se tão bem...

Mas não... Tinham de arranjar um filho e estragar a vida um do outro.

(pausa)

Eu nunca vou ter filhos.

PAI Epá, se voltasse atrás tinha pensado duas vezes antes de vos por cá no mundo.

(encontra mais fotos, detém-se nelas)

Uma família é uma grande responsabilidade. Sobretudo como estão as coisas agora. Antes as crianças iam-se criando. Ajuda aqui, ajuda ali. Jogavam à bola na rua tardes inteiras. Andavam de bicicleta por todo o lado.

(pausa)

Quando apareceram os noticiários tudo mudou. Tudo ficou mais perigoso.

Olha!

(encontra e mostra uma foto dele ladeando uma televisão antiga)

O primeiro noticiário que vi. Lembro-me como se fosse ontem.

ANTÓNIO (PAI começa a arrumar a sala)

Na verdade ela nunca devia ter namorado com ele. Ou casado. Será que eram casados? Deviam ser. Tiveram um filho juntos. O mínimo era casarem.

(pausa)

Via-se ao longe que ele não tinha o nível dela. Coitada. Coitados dos pais dela. O Rogério deve a ter apanhado ainda muito novinha. Ingénua. Ele sempre teve muita lábia. Não é pai? O que vocês discutiam à mesa! Levavam mais tempo a gritar um com o outro do que a comer...

Bons tempos...

PAI Se voltasse atrás nunca tinha tido filhos. Nem namorada, quanto mais casar! Ia ver o mundo. Pelo menos Espanha. Sempre quis ir a Espanha. As espanholas são lindíssimas. E têm personalidade! Na altura podia-se andar por todo o lado, ver tudo. Não é como agora. Cheguei a ir a um museu, sabias? Era tão fresquinho...

(deita-se no chão, junto a ANTÓNIO)

Foi a primeira vez que vi um ar condicionado!...

ANTÓNIO Eu não lhe tinha feito um filho, mas nunca a tinha deixado ir embora.

PAI Nunca mais nada foi tão fresquinho...

(a MÃE aparece à janela)

PAI Então, comes com a gente? Até arrumei a casa e tudo!

MÃE Vou-me deitar, amanhã quero recomeçar cedo, mal o sol nasça.

PAI (para ANTÓNIO)

Olha, lembrei-me do número do restaurante! É o 239 714 013

(a olhar para todo o lado. Confuso)

Ajuda-me agora a encontrar o telemóvel!

À MEDIDA QUE FOMOS RECUPERANDO A MÃE

CENA 2.1 | CASA

PROFESSORA FÍSICA | Vitória
PROFESSORA RELIGIÃO E MORAL | Joana
FILHO | Rogério
FILHA | Rita
PAI

O PAI está sentado à mesa, com um copo na mão. Soa a campainha, alguém a bater à porta. Os filhos, que estão na sala, vão até à porta. O PAI não reage.

FILHA (os MIÚDOS à porta, sem abrir) Quem é?

PROFESSOR FÍSICA Boa tarde! (olham um para o outro, a tentar perceber quem deve falar, um deles decide-se) Somos nós, a professora Vitória e a Professora Joana. Da escola. O paizinho está?

FILHO Não!

FILHA Cala-te!
O pai está a ... a descansar.

PROFESSOR R.M. Pois. Percebemos.

PROFESSOR FÍSICA Abram a porta e deixem-nos falar com um adulto!

PROFESSOR R.M (a ir embora)
Ele está a descansar!
(Vitória puxa-a para a frente da porta)
Mas demos esta volta grande e dava-nos muito jeito conseguir falar com ele, porque não sabemos quando vamos conseguir passar aqui outra vez e se pudessem informar o paizinho de que estamos aqui à porta...

PROFESSOR FÍSICA (interrompendo)
Abram a porta que nós vamos entrar de qualquer maneira!

FILHO MAIS NOVO (bate com a cabeça na mesa)
Foda-se, puta da mesa, caralho!

FILHA Eu vou chamar o pai, só um bocadinho.

PROFESSOR FÍSICA Vês? Nestes bairros a canalhada só funciona assim. Se te metes com gentilezas ainda nos correm a tiros de caçadeira!

FILHO MAIS NOVO Sua puta!

PROFESSOR R.M. São só crianças!

PROFESSOR FÍSICA Crianças. Crianças... Isso é o que elas querem que tu penses! Têm a escolinha toda! Daquela que não importa, sabem-na toda!

(os murmúrios do PAI ficam mais claros)

PROFESSOR FÍSICA Isto não vai dar em nada. Vai por mim. O tipo está bêbedo ou pior.

PROFESSOR R.M. Eu acho que ouvi o pai...

PROFESSOR FÍSICA Deve ser ele à procura da caçadeira ou aos tombo de encontro aos móveis. Vamos mazé embora. Está decidido!

PROFESSOR R.M. És tão cruel, Vitória. Vês sempre o pior das pessoas. Agora percebo porque é que a Manuela nunca te deu troco.

(o PAI abre a porta, desgrenhado, de ressaca)

PROFESSOR R.M. Ah, que bom vê-lo. Ah ah. Como está? (Estica a mão que fica estendida. O PAI não esboça reação.)

Pois, tudo bem. Uma sesta, não é? Eu também gosto muito de fazer sestas. Ainda por cima agora com o calor... Quando estou de folga não há dia em que não durma um bocadinho depois do almoço... Ou mais tarde até, depende. As crianças dão muito trabalho, não é? Cansam muito! O senhor com quatro, então! Upa Upa. Deve ser um alvoroço constante! Mas trazem muitas coisas boas, muita cor à vida...

PROFESSOR FÍSICA (interrompendo)

Boa tarde. O meu nome é Vitória, sou professora de física e diretora de turma. Eu e a professora Joana, que é professor de religião e moral, tomamos a liberdade de vir aqui maçá-lo – salvo seja.

PAI Eu sei quem são.

PROFESSOR FÍSICA Pois, já nos vimos na escola, tenho essa ideia.

PAI O que é que querem?

(decidem quem vai falar)

PROFESSOR R.M.Pois. Ah ah ah. É um assunto complicado, na verdade. Nem eu nem a professora Vitória queríamos vir aqui, assim do nada, bater-lhe à porta e... e... aborrecê-lo, mas desde que a sua esposa, enfim, que a sua esposa

PAI Morreu...

PROFESSOR R.M.Eu ia dizer faleceu, parece que é mais... enfim... parece que é o que as pessoas dizem agora, não é? No meu tempo também era morreu. E contínuo. E homem do lixo, e essas coisas, mas agora...

PROFESSOR FÍSICA (Interrompendo)

Vimos só para nos certificar que as crianças estão bem
(as crianças mais novas interrompem, a correr pela casa)
e perguntar se podemos ajudar nalguma coisa.

PAI Ajudar?...

PROFESSOR FÍSICA Sim, ajudar. Quer dizer. Com o que aconteceu, é perfeitamente compreensível que o Sr. precise de ajuda. Às vezes as pessoas evitam pedir ajuda, ora porque têm vergonha, ora porque não estão habituadas a pedir ajuda, mas não é vergonha nenhuma precisarmos de um amparo de vez em quando. Não é vergonha nenhuma! É muito humano.

PAI Está tudo bem. Não precisamos de nada. Eu estou muito cansado, se não se importam.

(senta-se, acende o isqueiro e começa a chorar)

PROFESSOR R.M.Pois claro, está tudo bem. Vê-se claramente. Perfeito. (apaga o isqueiro) Eu e a professora Vitória vamos andando. A escola é que nos mandou cá, está a ver? Às vezes não se preocupam com o que se deviam preocupar, outras vezes preocupam-se em demasia. Ah ah ah.

PROFESSOR FÍSICA As crianças têm passado bem? Têm comido bem? Dormido bem?

PAI As crianças estão ótimas.

PROFESSOR R.M.Estão ótimas!

PROFESSOR FÍSICA Não parecem ótimas. Um deles até desmaiou na escola, na semana passada, o... o...

PROFESSOR R.M.O Rogério!

PROFESSOR FÍSICA Isso. Esse.

Os médicos disseram que estava desidratado e desnutrido. Isso não me parece de todo condizente com a noção de «ótimo».

PAI Foi uma fraqueza. É verão. Está calor. Acontece...

PROFESSOR R.M.Precisamente o que eu disse no conselho de turma!

PROFESSOR VÍTOR Ouça! Não estamos aqui a sugerir que não seja normal que as crianças estejam também a passar um mau bocado por causa da morte da mãe. Ou que o Sr. não esteja a passar um mau bocado. Pelo contrário. Mas reparámos que as crianças aparecem na escola com a roupa suja, que não vêem lavadas ou penteadas, que andam com fome, que nunca têm dinheiro para comprar o lanche. Isto assim não pode continuar. Não pode. O bem-estar das crianças deve estar sempre em primeiro lugar. Acho que todos concordamos em relação a isso, não é?

PROFESSOR R.M.Absolutamente! As crianças em primeiro lugar. Sempre!

PAI Eu vou tratar de tudo.

PROFESSOR FÍSICA Ótimo. Porque nem eu nem a professora Joana tiramos qualquer tipo de prazer destas situações. Preocupamo-nos. Só isso. Toda a gente se preocupa. Só queremos ajudar no que for possível e assegurar que o bem-estar das crianças...

Só queremos ajudar!

PAI Eu vou tratar de tudo.

PROFESSOR FÍSICA Não foi assim tão difícil, pois não?

PROFESSOR R.M. Foi horrível.

PAI Vou tratar de tudo. Vou tratar de tudo! EU VOU TRATAR DE TUDO!

ENA 2.2 | CASA / SALA DE JANTAR

FILHO MAIS NOVO | ANTÓNIO
FILHA MAIS NOVA | RAQUEL
FILHO | ROGÉRIO
FILHA | RITA
PAI

Estão todos à mesa. Os MIÚDOS, em modo adulto à força, estão a pôr a mesa para o jantar. Fizeram o que sabem com o que havia: cozeram um esparguete de marca branca.. Os MIÚDOS andam de um lado para o outro a arrumar tudo.

ROGÉRIO Não comes, pai?

RITA Come, pai. E tu também, António!

RITA (para a FILHA mais nova)
Nem penses que vais deixar metade da comida no prato outra vez.

(ROGÉRIO imita RITA. Os mais novos riem, mas rapidamente voltam a recusar o jantar)

RAQUEL Mas eu não tenho fome!

ANTÓNIO Eu também não quero comer, o esparguete cheira mal!

RITA Tens de comer na mesma. Senão ficas fraquinha e não podes ir à escola.

RAQUEL (cruza os braços, chateada e mete a língua de fora para a FILHA mais velha)
Não faz mal! Eu não gosto da escola! São todos estúpidos!

ROGÉRIO Então?

RITA Olha que esta noite o pai está aqui!

ANTÓNIO Eu estou farto de esparguete.

RITA A mana vai aprender a fazer outras coisas.

RAQUEL Eu não quero comer, quero a mãe!
(Todos, que até agora estavam em grande alvoroço, ficam em silêncio)
Quando é que a mamã volta?

RITA Ainda falta, Rita.

RAQUEL Mas já passou muito tempo...

Tu disseste que ela voltava depois de muito tempo! Eu não quero comer, eu quero a mãe! Eu quero a mãe!

(corre para o colo do pai, a chorar)

PAI Deixem-na em paz...

Eu também não tenho fome.

RITA Não pode ser! Depois ela fica muito...

PAI Ela não morre!

(ROGÉRIO pega na moldura da mãe que RAQUEL tinha e vira-a para o PAI)

RAQUEL Dá a mãe a mim! Eu quero a mãe!

ROGÉRIO A mãe disse-me que se estava a sentir sozinha.
Foi por isso que a trouxe para a mesa.

RAQUEL Ela disse quando voltava?

ROGÉRIO Não, Rita, a mãe ainda não sabe.

PAI A culpa é minha. É só minha. Eu deixei-vos aí à vossa sorte. Não fui bom marido, não sou bom pai.
Não tenho estrutura para conseguir sair disto a tempo de cuidar de vocês. E não temos mais ninguém...
(faz um brinde)

ANTÓNIO Ainda há bolachas? Eu quero bolachas!

RITA Agora é hora de jantar.

ANTÓNIO Mas eu não gosto de massa!

RITA Era a tua comida preferida!

ANTÓNIO Já não é!

RAQUEL Eu também já não gosto de esparguete...

RITA Antes toda a gente gostava, agora já ninguém gosta!.. Anda, Raquel, come só um bocadinho...

PAI (começa a cantar a música Guarda Que Luna. Os MIÚDOS vão, gradualmente, prestando-lhe cada vez mais atenção)

ROGÉRIO (quando o PAI acaba de cantar, ROGÉRIO aproxima-se do PAI)
Ela gostou muito.

PAI (comovido)
Era a nossa música preferida. É a única que sei de cor.
(ri-se choramingando)

ANTÓNIO Onde é que estão as bolachas?

PAI Não há bolachas nenhuma, comes o que está na mesa!

CENA 2.3 | CASA / SALA DE ESTAR
FILHO MAIS NOVO | ANTÓNIO
FILHA MAIS NOVA | RAQUEL
FILHO | ROGÉRIO
FILHA | RITA
PAI

O PAI e as CRIANÇAS estão na sala, a ver um filme, provavelmente de animação. O PAI está na poltrona, as CRIANÇAS distribuídos pelo sofá. O PAI está a beber vinho. A garrafa ao seu lado está quase vazia.

RITA É agora! Os mais novos tapam os olhos! Não vale espreitar! Depois tem pesadelos e por mais que se queixem não vão dormir para a minha cama!

ROGÉRIO O António está à espreitar, consigo ver daqui.

PAI Deixem os manos verem o que quiserem! Foi para isso que se fez o 25 de abril!

RITA O filme não é para a idade deles, papá...

PAI Tontice! Eu com a idade deles via o Poltergeist e o Exorcista e aquele no Texas com moto-serras (visivelmente embriagado)

As crianças agora não podem fazer nada. Não saem de casa, não brincam, não andam de bicicleta. Bah

Que merda de mundo.

RITA Pai!

ROGÉRIO Ou tapas os olhos como deve ser, António, ou tiro o filme para toda a gente.

PAI (a falar sozinho)

Até este, que nunca foi flor que se cheire, está armado em moralista. Se eu fosse teu irmão mais novo (a apontar para ROGÉRIO) não tinhas sorte nenhuma!

(pausa)

Alguma vez o meu irmão mais velho falava comigo assim... Enchia-lhe logo a malinha.

Enfardava mais do que dava, claro está. O gajo era muito maior do que eu. Mas não fazia farinha. Tinha respeitinho... Estes agora...

Uns fracos. Andamos a criar uns fracos.

(um barulho mais alto na televisão. Toda a gente sobressalta)

PAI (ri-se)
Cambada de maricas...
(ri-se)

RITA Pai!
(pausa)
Acho que já bebeste demais hoje.

PAI Olha olha, debes pensar que mandas em mim! Com a tua idade já eu bebia à mesa o resto do vinho que o meu tio deixava no copo. Eh eh eh. Bem bom. Até o vinho sabe pior hoje em dia.

(pausa)
Veja-se só isto. Vinho de garrafa. (olha para os mais novos, como se falasse com eles) Não é de pacote! Não é aquela porcaria que é só químicos, aquilo de vinho não tem nada! Vinho de garrafa, garrafa de vidro, do bom!

Vai-se a ver (dá um gole largo) e sabe a merda.

(a RITA tapa a cara com as mãos, em jeito de vergonha)
RAQUEL Merda!

ANTÓNIO Merda!

(desliga a televisão)

PAI ohhhhh!
O mano é muito mau!
(serve-se de mais vinho)
(ri)

ROGÉRIO Querem ver o filme antes de irem dormir ou querem ir já para a cama?

PAI (como que a segredar para os mais novos)
O filme! A gente quer ver a merda do filme! Dormir não!
(a sussurar)
Ainda há muito vinho.
(olha para a garrafa)
Afinal não há assim tanto
(ri-se)
Mas há mais garrafas!

(os mais novos riem. RITA olha para ROGÉRIO, incrédula.
Este liga a televisão.)
(os mais novos festejam)

RITA (para ROGÉRIO)

Se calhar era melhor irmos todos deitar.

Amanhã é terça-feira. Temos de estar todos muito cedo na escola. É um dia longo. O pai também tem de estar cedo no trabalho

PAI Eu vou às horas que quiser. Aquele gordo de merda não manda em mim. Eu disse-lhe no outro dia: «tu não mandas em mim». Piou fininho. Eles pensavam que podiam brincar comigo. Tudo mudou.

Agora vão brincar com o caralhinho.

(ri-se sozinho)

(RITA leva a mão à boca, envergonhada, sai do seu lugar e vai se sentar ao pé dos mais novos)

ROGÉRIO (a fingir voz de mulher, a imitar a MÃE, para o PAI)

Tu queres perder o emprego?

(tudo boquiaberto)

RITA Mano...

ROGÉRIO Tu queres perder o emprego, Henrique?

Como é que nos vais sustentar?

Como é que vamos pagar esta casa?

Vamos todos para a rua, é isso?

(até a postura corporal de ROGÉRIO muda)

PAI Eu...

ROGÉRIO (interrompendo)

Estás bêbedo, Henrique. Estás outra vez bêbedo.

PAI Eu estava...

Eu estava a brincar. Eu não bebi

ROGÉRIO (interrompendo)

Cala-te! Deixas-me tão nervosa quando bebes assim! Pareces um adolescente!

PAI Desculpa, eu só...

ROGÉRIO As desculpas não se pedem, Henrique, evitam-se!

RITA (para os mais novos)

Vá, já é tarde. Vamos dormir. Lavar os dentes primeiro, xixi cama.

(os mais novos levantam-se, contrariados)

ROGÉRIO O filme ainda não acabou.

RITA Mas já é tarde, e o pai...

ROGÉRIO Sentem-se.
Vamos ver o resto.
(os mais novos sentam-se)
Eu digo quando for para deitar.

PAI É assim mesmo, não há cá...

ROGÉRIO Cala-te Henrique, cala-te.
(pausa)
Hoje dormes sozinho.

(o filme continua. Todos em silêncio. O pai olha curioso para ROGÉRIO)

CENA 2.4 | CASA / COZINHA/SALA DE JANTAR
FILHO MAIS NOVO| ANTÓNIO
FILHA MAIS NOVA | RAQUEL
FILHO | ROGÉRIO
FILHA | RITA
PAI

O PAI e as CRIANÇAS preparam a mesa para o jantar. O PAI trouxe uns frangos e umas garrafas de vinho.

RITA (a mandar vir com o António)
Não, mano, pratos rasos, não fundos.

ANTÓNIO São mais pesados!

ROGÉRIO Deixa, mana, não faz diferença...

RITA Bom, desde que não nos meta colheres para comer o frango...

ROGÉRIO (ri-se)

PAI Tenho de ajudar nalguma coisa ou os meninos já se tornaram auto-suficientes?

RITA Só não abrimos garrafas de vinho!

PAI Engraçadinha... Sempre com a resposta na ponta da língua...

RITA Tenho a quem sair...

ROGÉRIO Não há-de ser ao pai...

PAI Como é que vos conseguia aturar sem beber, expliquem-me lá?

RITA Nós? Nós somos adoráveis!
(para os MAIS NOVOS)
Não somos, meninos?

ANTÓNIO E RAQUEL (em uníssono)
Hein?

(o pai senta-se à mesa, as CRIANÇAS acabam de colocar as coisas. De repente o PAI parece melancólico).

PAI Sentem-se, sentem-se. Vá lá, despachem-se.

RITA Faltam os guardanapos e os sumos.

ROGÉRIO E uma faca de trinchar.

PAI O frango já está cortado e eu já vou buscar o resto. Sentem-se!

(as crianças, em silêncio, sentam-se)

RITA Passa-se alguma coisa, pai? Estás doente?

PAI Não, não. Que eu saiba não.

ROGÉRIO Então, o que se passa?

PAI Vocês sabem que dia é hoje?
Algun de vocês se lembra?

RITA 12 de Setembro.

PAI Sim. E o que é que acontece no dia 12 de Setembro?

ANTÓNIO É dia de frango!

ANTÓNIO É o dia da criança!

RAQUEL Frango!

PAI Hoje é o aniversário da vossa mãe. Se estivesse viva faria 42 anos.

PAI Eu queria fazer um brinde à vossa mãe...
(a voz embarga-se-lhe)
À minha mulher...
À minha querida mulher...

PAI Tanta coisa que lhe queria ter dito...
Fica sempre tanto por dizer.

ROGÉRIO (levanta-se, desaparece no corredor)

RITA Pai, eu tenho a certeza que ela está a ouvir.

(abraça-se a ele. Choram.)
(os MAIS NOVOS vêm partilhar o abraço conjunto)

(entretanto ROGÉRIO entra com uma peruca loira – provavelmente a que a mãe usou durante a quimio. Mete-a na cabeça em frente ao PAI e às CRIANÇAS)

PAI Eu quero-te dizer

ROGÉRIO (na voz da mãe)
Estou aqui. Diz.

(tudo boquiaberto. RITA tapa a boca com as mãos. Os MAIS NOVOS vão de encontro à cintura da «mãe».)

(não se contendo, PAI começa a cantar os «parabéns» para tentar desanuviar a situação. Toda a gente, menos o PAI, canta. No final, rebenta tudo num aplauso.)

PAI Como é a outra? Tenha tudo de bom, ...

ROGÉRIO Já chega, Henrique, já é tarde

PAI o que a vida contém

ROGÉRIO Meninos, vamos para a cama, sim?

RITA leva os irmãos para a cama, enquanto ROGÉRIO e o PAI ficam à mesa, sozinhos.

CENA 2.5 | CASA / COZINHA/SALA DE JANTAR
FILHO MAIS NOVO| ANTÓNIO
FILHA MAIS NOVA | RAQUEL
FILHO | ROGÉRIO
FILHA | RITA
PAI

As CRIANÇAS estão na sala, à espera. O PAI e ROGÉRIO estão na casa de banho, aparentemente decidiram fazer uma surpresa ao resto da família. É noite, antes de jantar. O PAI já bebeu, está uma garrafa praticamente vazia em cima da mesa.

RITA Estão prontos para a surpresa?

RAQUEL Eu quero a surpresa!

RITA Vai demorar muito?

PAI Está quase. Não sejam impacientes!

ANTÓNIO Rogério, o PAI tem uma surpresa para nós

ANTÓNIO Será um cão?

RAQUEL Au au!
(ANTÓNIO e RAQUEL ladram)
Eu quero a surpresa! Eu quero a surpresa!

RITA Então, pai?

PAI (da casa de banho)
Opa, atira-lhes um pau ou uma bola que eles vão atrás.

RITA Anda lá, queremos todos a surpresa!

RAQUEL Eu quero, eu quero!

ANTÓNIO E o Rogério

RITA Não sei onde anda o Rogério

(a porta da casa de banho abre-se. O PAI sai primeiro. Vê-se que está algo ébrio, não demasiado. Chega à sala emocionado.)

ANTÓNIO Rogério? Anda lá! Auuuu, au, au!

PAI Sentem-se, sentem-se!

(A confusão continua ainda durante um bocado. Os MAIS NOVOS eventualmente sentam-se ao lado de RITA. o PAI aparece com o ROGÉRIO).

Faz este ano quinze anos que eu e a vossa mãe casámos. Quinze anos. Como o tempo passa. Ainda pensámos esperar mais um mês para a coisa cair na data exacta, mas eu estava farto de esperar. Já esperei muito. Tudo o que tenho feito na vida é esperar. Já não espero mais.

Meninos... (imita um drum roll com a voz e as mãos para sinalizar o suspense.)

(olha para trás, faz sinal ao ROGÉRIO para sair da casa de banho e entrar na sala. ROGÉRIO está vestido de noiva. Leva nas mãos um bouquet de flores de plástico. Leva véu que está subido para se poder ver a cara dele. Está de peruca. Entra como se entrasse num casamento.)

Eu e a vossa mãe (aponta efusivamente para ROGÉRIO com ambos braços) vamos renovar os nossos votos. É a altura certa. Enfim. Quando há amor qualquer altura é a certa!

(ri-se)

Mas com tudo por que passámos este ano parece-me sinceramente que a melhor forma de celebrar a família e a vida!

Não acham?

PAI Ingratos de merda! Isso é forma de receber a vossa mãe?

(ROGÉRIO puxa-o ligeiramente para trás)

ROGÉRIO Calma, amor. Eles não têm culpa, eles não percebem.

PAI Não têm que perceber nada. Só tinham que ficar felizes! Eu fico feliz com a felicidade deles! Acho que não é pedir muito!

ROGÉRIO Dá-lhes tempo...

PAI Tempo é o que sempre lhes dei. O que é que não lhes dei? Dei-lhes tudo! Tudo.

(pausa)

Ingratos de merda!

ROGÉRIO Eu sei...

PAI Olha, deixa estar. Vamos jantar fora. Vamos ao italiano. Ainda gostas do italiano?

ROGÉRIO Gosto.

PAI (para os filhos)
Vamos ao italiano? Vamos? Não?
(não obteve resposta)
Eles que se amanhem. Façam o que quiserem. Há massa, há tomates, há um resto de sopa de ontem, há pão.
Não querem participar da felicidade dos pais, não participam.
Bardamerda para isto.

ROGÉRIO Acho que prefiro ficar aqui.

(Começam a dançar, enquanto se dirigem para o quarto.
Antes de desaparecerem, o ROGÉRIO atira, de costas, o buquet para o público)

O PAI BALÃO
CENA 3.1 | ESQUADRA

DOIS POLÍCIAS
MÃE
FILHA
FILHO

MÃE Bom dia!

AGENTE 1 (que se preparava para ir embora) Boa tarde,
quase boa noite!

MÃE Boa tarde...

FILHO Quase boa noite

AGENTE 1 Em que posso ajudá-la?

MÃE Isto aqui é a esquadra, não é?

AGENTE 1 Ó Gomes, isto aqui ainda é a esquadra?

AGENTE 2 É.

AGENTE 1 É sim, senhora. Que podemos fazer por si?

MÃE (incomodada)
Bom, meu cunhado, o Esticão, aquele que é vogal na Junta de Freguesia, está a ver, aquele que está sempre a falar de pombos, não tem outra conversa, coitado, o viúvo, que era casado com a irmã do meu marido, um assim a dar para o forte – na verdade é mais gordo que forte, mas não se lhe pode dizer nada que fica todo abespinhado, e como é muito alto até disfarça...

AGENTE 1 Não conheço, minha senhora. Não sou daqui e estou cá há pouco tempo.

(vira-se para o AGENTE 2)
Ó Gomes, tu conheces um Esticão?

AGENTE 2 (pensativo)
Esticão, Esticão... o nome diz-me qualquer coisa. Por acaso é da família do Padeirão da Marmeleira?

AGENTE 1 (para MÃE)
É da família do Padeirão da Marmeleira?

MÃE Não, que eu saiba não...

AGENTE 1 (para AGENTE 2)
Diz que não.

AGENTE 2 Não? De certeza?
Então não é quem estou a pensar. Não conheço. Esticão é um nome muito comum.

AGENTE 1 Não conheço. Lamento não a poder ajudar.

MÃE Mas ainda nem lhe expliquei o meu problema!

AGENTE 1 Minha senhora, não conhecemos esse tal Esticão, como já lhe disse.

MÃE Nossa Senhora dos Mal-entendidos! O Esticão não tem nada a ver com isto...

AGENTE 1 Foi a senhora que começou por falar do Esticão. Eu nem conheço nenhum Esticão.

MÃE O Esticão é o meu cunhado! Mas está tudo bem com o Esticão! Ele só me disse para vir aqui, que vocês é que me podiam ajudar, que eu ando com uma aflição no peito que nem comer consigo! Isto para mim tem sido muito difícil, você nem imagina, eu bem tento disfarçar ao pé dos miúdos, mas eles, graças a deus, percebem tudo, não fosse a minha irmã a aturar-me ao telefone e ajudar-me lá em casa quando pode, não sei o que faria. Acordo de manhã a tremer, toda apanhada por um lado, ela é que me ajuda a levantar da cama, isto tem sido um autêntico inferno, as coisas nunca nos correram de feição mas nos últimos tempos parece que me rogaram uma praga, que são umas atrás das outras...

AGENTE 1 Minha senhora, acalme-se, acalme-se, já percebi que a coisa está complicada. Conte-me lá, do princípio, o que se passa e o que a traz aqui, a ver se a podemos ajudar.

MÃE Então é assim. Eu preciso de uma declaração, que é dia 26 e a pensão do meu marido cai a 28, que é já na próxima quarta, e se não me despacho o vale chega aos correios e passado uns dias é devolvido, que eles agora fazem isso, o Estado não brinca, e eu já estiquei o que tinha como podia e como não podia para pôr comida na mesa e não fosse a ajuda da minha irmã e os miúdos já andavam a passar fome e frio, que às tantas

AGENTE 1 Minha senhora, por favor, mais devagar. Eu para a poder ajudar tenho de perceber qual o assunto em causa.

MÃE Repita lá o que disse

AGENTE 1 Eu para a poder ajudar tenho de perceber qual o assunto em causa.

MÃE (chama os filhos para festejar)

Você é do Algarve? Parece que tem aí um sotaque algarvio que tenta disfarçar.

AGENTE 1 Olhe, já estou há tanto tempo em Lisboa que já nem me lembro do Algarve! Vim para cá para a escola e nunca mais saí. É a primeira vez que me dizem que tenho sotaque do Algarve.

MÃE Não tem muito. Eu é que tenho um ouvido incrível para sotaques... É para compensar a vista, que já não vejo nada nem ao longe nem ao perto.

E é de onde no Algarve?

AGENTE 1 De Armação de Pêra. (a MÃE volta a festejar com os filhos)

MÃE Ai, que coincidência, passei lá a minha lua-de-mel, já há uns bons vinte anos, veja lá!

AGENTE 1 Ah, ah, ah! Que engraçado. Olhe, deve estar muito diferente, o turismo e tal, o Algarve já há muito tempo que não é nosso.

MÃE Pois é.

AGENTE 1 Pois é.

(silêncio incomodativo)

MÃE (quase em surdina, para si própria)

Quem diria, do Algarve...

AGENTE 1 Pois é...

FILHA Mãe...

MÃE Ah, pois!...

Olhe, então e a declaração? Isso é coisa para demorar quanto tempo? O ideal era levar agora, ficava já tudo tratado e escusava

de passar por aqui amanhã ou depois – mais tarde não pode ser, depois o vale volta para trás e não é nos correios que vou pedir comida para alimentar estas crianças, que ainda por cima comem como animais.

AGENTE 1 Mas de que declaração é que está a falar?

MÃE Para ir levantar a pensão do meu marido aos correios! Eles não me dão aquilo sem uma declaração!

AGENTE 1 Mas porque é que não vai lá o seu marido levantar?

MÃE Não pode! (a filha impede-a de falar) Se pudesse eu não estava aqui

AGENTE 1 Mas não pode porquê? Trabalha fora? Está doente? Está incapacitado?

MÃE Exat...

(a filha impede-a de falar novamente, o gato mia)

AGENTE 1 Isso resolve-se com uma procuração, é só ir a um notário e...

MÃE Não pode ir ao notário, não podemos fazer nada! E se não me passam a declaração não tenho dinheiro para dar de comer a estes miúdos.

AGENTE 2 Mas não pode ou não quer? Vocês estão desentendidos, é isso? Se é isso, não é problema de polícia, você e o seu marido têm de se entender

MÃE Não estamos desentendidos, senhor agente, não é nada disso. Mas ele não pode ir lá e eu estou de mãos atadas.

AGENTE 2 É outro tipo de problema, então? Às vezes as pessoas vêm com uma conversa que a gente nem percebe bem o que querem dizer e só passado uma boa meia hora é que chegam ao assunto que as trouxe aqui. É muito comum, sabe? A vergonha é tramada. E o medo. (em surdina) Ainda por cima a senhora vem... acompanhada. Se quiser eu peço ao meu colega para ficar uns minutos com os miúdos, eles vão ver os cães ali ao canil e a gente conversa melhor...

MÃE (silêncio)

AGENTE 2 Quer que eu peça aqui ao meu colega para levar os miúdos?

MÃE Não, senhor agente... O meu marido não me bate.
(para os filhos, que concordam) a perguntar se o pai me bate...
(para o agente) Não, não. É bruto, é um homem à antiga, sai ao pai dele, tem pouco tento na língua, mas nunca me pôs uma mão em cima. Quem me dera que fosse esse o problema, que eu sabia resolvê-lo... (pausa) Eu só preciso da declaração.

AGENTE 1 Está bem. Está bem. (para AGENTE 2): vamos então jogar a esse jogo.

Então que declaração é essa que a senhora quer que a gente lhe passe?

MÃE Uma declaração a dizer que posso levantar a pensão dele. Foi assim que o meu irmão me disse.

AGENTE 1 Ó minha senhora, eu nem sei o que é isso. Isto não é a segurança social nem o notário. A gente não passa declarações a dizer que as pessoas podem ir levantar o dinheiro dos outros. A senhora quer é uma procuração.

MÃE Não. É uma declaração da polícia...

AGENTE 1 Ó Gomes? A gente passa declarações a dizer que as pessoas podem levantar a pensão dos outros no banco?

MÃE Nos correios!

AGENTE 1 Nos correios?

AGENTE 2 Não.

AGENTE 1 Não. O meu colega diz que não passamos essas declarações.

MÃE Mas o meu cunhado...

AGENTE 2 O seu cunhado é polícia?

MÃE Não, o meu cunhado é vogal aqui na Junta...

AGENTE 2 Se o seu cunhado não é polícia, porque é que é para aqui chamado? Não sabe mais que nós...

MÃE Mas sem uma declaração não posso levantar o vale...

AGENTE 1 Onde é que está o seu marido? Podemos chamá-lo aqui?

MÃE Não. Não sei. Não.

AGENTE 1 Aconteceu alguma coisa com o seu marido?

MÃE Não. Nada. (quase inaudível) Inchou. Inchou!

AGENTE 1 Inchou?

MÃE Sim, mas isso já foi há mais de duas semanas. Inchou muito.

AGENTE 2 Minha senhora, o seu marido está bem?

MÃE Não sei!

AGENTE 2 A senhora fez alguma coisa ao seu marido? É por isso que está aqui?

MÃE Não lhe fiz nada! Eu só queria que ele parasse de inchar! Eu já tinha calos nas mãos de lhe alargar a roupa! Não lhe servia nada, nem um lençol com dois buraquinhos para os olhos, aquilo dava medo só de ver...

AGENTE 1 A senhora tem o telemóvel do seu marido? Podemos falar com ele?

MÃE Ele lá conseguia atender com aqueles braços como ele os tem?

FILHA (ao mesmo tempo que a mãe fala) Mãe!

MÃE A gente mal lhe encontrava o que era à frente e o que era atrás. Era uma coisa assim disforme, um horror, um horror... Olhe, ele nem se limpar conseguia...

FILHA MÃE!!

AGENTE 1 Vamos mesmo precisar de falar com o seu marido.

MÃE Não dá, não é possível.

AGENTE 2 A senhora (em surdina) odeia o seu marido?

MÃE Ó Nossa Senhora dos Equívocos! Mas eu lá odeio alguém? Eu nem aquela lambisgóia da cabeleireira, que se gaba à boca cheia que já dormiu com mais de metade dos maridos ali do bairro eu

odeio! Nem o meu pai, que Deus o tenha, que chegava bêbedo a casa e nos pregava umas sovas de morte, que um dia ia ficando sem uma vista...

Eu não sei odiar...

AGENTE 2 A senhora matou o seu marido?

(pausa)

FILHA (grita) O meu pai não está morto! O meu pai desapareceu!

CENA 3.2 | SALA

UM POLÍCIA
TIO ESTICÃO
TIA (irmã da MÃE)
PAI-BALÃO
MÃE
FILHA
FILHO

MÃE Puxa-o, Esticão! Puxa-o!...

TIA Força, Esticão!

ESTICÃO Estou a tentar, caraças! Acham que não estou a tentar?
Eu puxo e ele desce um bocadinho, e parece que vem por aí abaixo,
mas o cabrão tem muito ar. Não é o mesmo que puxar um balão!

FILHO Vai tio, vai tio, vai tio (a fazer uma espécie de
coreografia de claque)

AGENTE 1 Aquele... Aquilo... Aquele... (apontando para os balões)
Aquele é o teu pai?

FILHA Sim! Percebe agora o problema?

AGENTE 1 Acho que agora não percebo nada...

ESTICÃO Olha, bem podias ajudar, não? (a falar para os balões)

PAI Achas que estou aqui porque quero, Esticão? Não achas que
se pudesse já estava no chão?

FILHA (para polícia)
Acho que me adiantei. Espere.

A FILHA faz um movimento com as mãos e de repente o tempo
para que anda para trás. Os actores fazem o seu caminho de saída
de cena às arrecuas, como se alguém rebobinasse um VHS antigo.
De repente estamos com MÃE, TIA, FILHO e FILHA, à mesa. A MÃE
a falar com a TIA. Os MIÚDOS a petiscar as magras entradas. O PAI,
que ainda não era balão, entra.

MÃE (para tia)

Está tão gordo que mal cabe na roupa. Tenho a certeza de que está com uma cirrose. Ou coisa pior.

TIA (benze-se)

Não digas isso. Vai-se a ver e é da cerveja. Tu não dizes que ele anda a beber mais ultimamente?

MÃE Eu sei lá! Menos não anda

(pausa)

Tu conheces a história da família dele... O pai dele, o tio

TIA O avô.

MÃE ...O avô. Tudo alcoólico. Tudo cirrose. Tudo gente que morreu com os seus cinquenta, cinquenta e poucos anos.

TIA Ele está com quantos?

MÃE Quarenta e sete.

TIA Credo. Parece mais velho...

FILHO Ó mãe. Ó mãe!

MÃE Pudera, com a vida que ele leva...

FILHO Mãe, falta muito ainda pró jantar?

MÃE Só começamos quando chegar o pai!

FILHO Mas tenho fome.

MÃE Come as torradas com o paté de atum.

FILHO Já não há...

MÃE Então comam as azeitonas e os tremoços!

FILHO A mana comeu isso tudo!

FILHA (saindo de perto do polícia para interagir na cena)

Não comi nada! Mentiroso!

MÃE Então esperem! Raisparta! Parecem que passam fome ou que nunca comeram! O pai já vem! Eu não vos disse já que o pai já vem?

TIA Tens a certeza de que ele vem a caminho. Pode ter passado pela tasca e já sabes como é que é.

MÃE Tem de vir. Eu disse-lhe que era importante. Comprei vinho de garrafa e tudo.

TIA E se não vier?

MÃE Vou lá buscá-lo pelos cabelos, deus me perdoe.

Ouve-se as chaves. Entra o ESTICÃO. Todos o cumprimentam. Os FILHOS vão ter com ele e o FILHO apresenta-o ao AGENTE 1
Logo a seguir, sobe a música e todos se viram para receber o PAI.

MÃE Onde é que tu andaste?

Os filhos vão receber o PAI, que lhes entrega balões

FILHO (a cantar) Ó mãe! Ó mãe! Ó mãe!

PAI Por aí. Na minha vida. (sobranceiro). Onde tu devias andar também...

MÃE Foste à médica?

FILHO (a cantar) Ó mãe! Ó mãaaaaa...

PAI Fui.

FILHO (cada vez mais insistente, a cantar) Ó MÃE!

MÃE (virando-se para o FILHO)
O que é que tu queres! O que é que tu queres?

FILHO (a cantar) Já podemos comer?

MÃE Não!

FILHO Porra!

PAI (para o filho) O que é que tu disseste?

MÃE E então, Henrique? Henrique? A consulta? A consulta, Henrique? As análises? as análises, Henrique?

PAI Calma... Calma! Então o que é que temos aqui?
(inspecciona a mesa, destapa tachos, demora-se na garrafa de vinho)

Hei lá!

Não me disseste que nos tinha saído o euromilhões!

MÃE Deixa-te de coisas... Não é assim tão caro...

PAI Estou a ver que tenho que ficar doente mais vezes...

FILHO Estás doente, pai? Vais morrer? (começa, em surdina, a inventar uma nova letra)

PAI Isso queria a tua mãe!

Para me gastar o dinheirinho todo...

MÃE Não sejas parvo! Estou aqui a roer-me toda de preocupação, fiz-te o teu prato preferido, arroz de pato à antiga, comprei-te um bom vinho

(irritada)

Há quanto tempo é que não entrava vinho nesta casa que não fosse de pacote? Quanto? Quanto?

FILHO (a cantar)

O pai vai morrer... o pai vai morrer...o pai vai morrer

(todos param)

A FILHA vai buscar o FILHO para ao pé do AGENTE 1

PAI Calma, docinho! Estás muito nervosa hoje! Estás de todo! Bebeste muito café?

(para a TIA)

Ela bebeu muito café?

(TIA e ESTICÃO abanam a cabeça em jeito de desconhecimento)

MÃE Eu estou calma! Eu estou calma!

(pausa)

As tuas análises?

FILHO (que volta) O pai vai morrer... O pai vai morrer...

ESTICÃO Ó filho, é que a letra não é boa...

MÃE Cala-te! Cala-te ou enfio-te uma galheta que te viro ao contrário!

O filho amua e pega na garrafa do vinho.

ESTICÃO (durante a fala do PAI) Ó filho, é que a letra não é boa...

PAI Hei... Hei... Calma. Então? Isto agora somos como aqueles maluquinhos do andar de baixo, que até puseram o filho na rua, a discutir a toda a hora?

O filho amua e pega na garrafa do vinho

(pausa)

(para a MÃE)

PAI Sabes o que é que a médica disse, meu xuxu? Sabes?

MÃE O que é que a médica disse?

ESTICÃO Então, Henrique?

PAI Calma, Esticão!

O médico disse que... que eu tenho...

MÃE Eu não quero ouvir!

FILHO (recomeçando a cantar) O PAI!

PAI Que tenho umas análises de viking! Uma saúde de ferro! Vou viver até aos cem anos! Acho que uma notícia destas, para quem já me andava a tirar as medidas, merece um brinde!

MÃE Estás a mentir. Tu estás cada vez mais inchado, mal cabes nas calças, tenho de te alargar a roupa duas vezes por semana!

PAI Te juro que não estou!

MÃE E essa barriga Henrique? Olha-me para esta barriga, mana! Olha-me pra isto! Já viste?

TIA hum hum...

PAI Isto é normal, mulher! Isto é perfeitamente normal...

FILHO (cantarolando, a FILHA acompanha-o)

O pai é barrigudo... O pai é barrigudo... O pai é barrigudo...

PAI Olha, Marta, isto a partir de uma certa idade, ou um homem tem barriga ou é paneleiro, não sei se estás a perceber. Acho que deves pensar no que preferes, se é que me entendes.

MÃE Mostra-me o papel das análises, Henrique!

PAI Ó mulher, se isso te dá tanto prazer... está em cima da mesa de entrada. Vai lá, vai.

(pausa)

Um viking, é o que sou, um cabrão de um viking.

(ri-se para a TIA)

TIA Ela está muito preocupada contigo, Henrique. E eu sei que ela é meio hipocondríaca lá com a mania das doenças todas, mas...

PAI Meio? Meio? A tua sorte é não viveres aqui!

ESTICÃO Mas ela tem alguma razão. Eu nunca te vi assim. E olha que te conheço há mais de 20 anos...

PAI O corpo de um homem muda muito depois dos quarenta! São as preocupações, são mais de vinte anos a vergar a mola! O que é que vocês queriam?... Os Brad Pitts só existem no cinema, e olha que mesmo assim... Na vida real a malta engorda, ficas com rugas, perde cabelo... Até parece!

Já olharam bem para vocês?

TIA Tu bebes muito, Henrique!

PAI Olha, olha, outra! Queres ver isto? Toda a gente gosta de comentar aquilo que bebo, mas ninguém me pergunta pela minha sede!

(pausa)

Eu bebo porque posso! Vai lá ver as minhas análises! Vai lá...

(pausa)

Um puto de um viking, é o que sou... Um puto de um viking...

E ainda estou leve como uma pluma!

FILHO (cantarolando)

O pai é um viquingue, o pai é um viquingue, o pai é um viquingue...

AGENTE 1 (para FILHA)

Então foi uma cirrose que o levou, foi isso?

FILHA + FILHO Não, não.

FILHA Venha cá.

CENA 3.3 | QUARTO

UM POLÍCIA
PAI-BALÃO (HENRIQUE)
MÃE (MARTA)
FILHA (RITA)
FILHO (ROGÉRIO)

FILHOS Ó mãe! Ó mãae! Ó mãaaaaae!

PAI Ó Marta!

PAI Ajuda-me a descer daqui, Marta!

MÃE Ó Henrique, como é que foste parar aí?

PAI Ó Marta, eu acordei aqui! Sei lá como vim aqui parar!

MÃE Henrique, deixa-te de brincadeiras e desce já daí.

PAI Não consigo, Marta...
 (o PAI começa a choramingar.)
 Não vês que nem consigo mexer os braços como deve ser!

FILHO O pai está inchado!

MÃE Empurra o tecto com as pernas! Faz força.

PAI Eu nem sinto as pernas!
 Ajuda-me, Marta!

 (Rogério corre para a cozinha e volta com um rolo de cordel)

MÃE É o que estou a fazer, Henrique.
 Calma. A gente resolve isto. É preciso é não entrar em pânico.

 (a MÃE sobe para cima da cama e tenta atar o cordel às presilhas das calças disformes de HENRIQUE (aos balões, neste caso))

POLÍCIA Como é que isto lhe aconteceu?

FILHA Ninguém sabe.

POLÍCIA Ele incha mais?

FILHA Chu. Já vai perceber tudo.

(a FILHA sai de perto do POLÍCIA e entra em cena.)

POLÍCIA Onde é que vais???

FILHA Vou ajudar, nesta parte eu ajudo sempre.

MÃE Não saias daí que eu vou pedir ajuda, Henrique.
(a MÃE vai telefonar à cozinha)

FILHO Vais ficar aí para sempre, pai?

PAI Não, filho. O pai já desce.
Isto... isto é só uma fase.
(pausa)
Olha, ajuda o pai que está cheio de sede, sim? Vai lá buscar um copo de vinho à cozinha.

FILHO A cozinha é muito longe...

PAI Não faças isso ao pai, Rogério, não vês que estou numa aflição? Posso desidratar! Depois morro e ficas sem pai!

FILHO Eu até ia, mas com estes ténis doem-me os pés. Mal consigo andar.

PAI (furioso)
Olha, vais lá e pelo caminho vais à minha carteira e tiras de lá vinte euros para comprar umas sapatilhas novas...

FILHO Vinte euros só daquelas de plástico dos chineses.

PAI Olha lá bem para mim, meu merdas! Assim que sair daqui enfio-te uma galheta que te...

FILHO (para o AGENTE 1) Vamos embora!

Espera. Está bem. Tira mais. Eu devo ter perto de cinquenta euros na carteira. Leva. Não faz diferença. A gente arranja-se. Tens é de andar confortável, não é? Vai, vai lá.

(o FILHO vai à cozinha)

(entredentes)
Filho da puta...

FILHO (O FILHO regressa com um copo de vinho com uma palhinha gigante)

PAI Salta, dá cá isso à boca do pai.

(o FILHO regressa com o mesmo copo, de novo cheio, e uma palhinha. O PAI bebe sofregamente o vinho).

FILHA Fui eu que me lembrei da palhinha.

MÃE (Regressando ao quarto.)

Fui buscar o Esticão, a minha irmã, e o médico que tratou o teu tio há dois anos está a caminho. Ai Henrique, no que nos foste meter!...

Todos tentam puxar o pai

FILHA Mas o meu irmão é que ficou com os ténis...

CENA 3.4| SALA

UM POLÍCIA
TIO ESTICÃO
TIA (irmã da MÃE)
PAI-BALÃO (HENRIQUE)
MÃE (MARTA)
FILHA (RITA)
FILHO (ROGÉRIO)
NERO, O CÃO

MÃE Puxa-o, Esticão! Puxa-o!...

TIA Força, Esticão!

ESTICÃO Estou a tentar, caraças! Acham que não estou a tentar?
Eu puxo e ele desce um bocadinho, e parece que vem por aí abaixo,
mas o cabrão tem muito ar. Não é o mesmo que puxar um balão!

FILHO Vai tio, vai tio, vai tio (a fazer uma espécie de
coreografia de claqué)

TIA E se fizéssemos todos força?

MÃE Dá um jeitinho, Esticão.
 (para a TIA)
 Anda aqui para a minha beira e ajuda-me.

 (fazem todos um enorme esforço para trazer o PAI para baixo,
mas o mais que conseguem é que ele se desencoste do tecto por
uns segundos)

PAI Mas vocês ainda não comeram hoje?
 (ri-se.)
 Pensei que tinhas mais pujança nesses braços, Esticão!

ESTICÃO Olha, eu bem me esforço, o que é que tu fazes?

PAI Ó amigo, eu mal consigo beber, quanto mais...

TIA (para MÃE)
 Mas o que te disse o médico, Marta?

MÃE Eu sei lá! Olhou para ele, disse que só conseguia avançar com
um diagnóstico se lhe medisse a tensão e...

ESTICÃO E qual era a tensão dele?

MÃE Não lhe tirou a tensão. Era um tipo muito lingrinhas, novinho, daqueles que agora usam uns bigodes à anos oitenta, eu devia ter desconfiado, desculpou-se muito com a coisa de o sindicato não lhe permitir subir escadas em serviço mas eu acho que ele tinha era medo de alturas, aquele conas, ou simplesmente não se queria chatear, mas a verdade é que me disse para lhe dar comidas mais pesadas, que podia ajudar, e para espremê-lo, que aquilo podiam ser só gases...

TIA Gases?...

MÃE Sim, que ele podia estar só enfartado e depois de bem peidado e arrotado haveria por descer naturalmente...

FILHO O pai vai peidar, o pai vai peidar!

ESTICÃO Olha, eu acho que não há peido que resolva isto.
Talvez só o peido-mestre.

FILHO O PAI VAI PEIDAR!

MÃE Está calado!

PAI Já me estás a tirar as medidas, Esticão?

ESTICÃO Não há caixão que te sirva, canalha, tu nem num contentor do lixo cabes!

PAI Pelo menos quando esticar o pernil vou direitinho para o céu, já vocês...

PAI (PAI e ESTICÃO riem-se)

MÃE Parem com essa conversa de merda, por favor!

TIA E o médico, não disse mais nada?

MÃE Umas coisas que mal percebi, eu estava muito nervosa, ele começou a falar naquela conversa de médico que só eles percebem e no fim palmou-me oitenta euros e disse-me para esperar que podíamos ter sorte e ele ir desinchando.

TIA E tem vindo a desinchar?

AGENTE 1 E tem vindo a desinchar?

MÃE Alguma vez? Está cada vez maior! Tu para teres ideia do que passo, a primeira coisa que faço quando acordo de manhã é alargar-lhe a roupa. Não há tecido no mundo que chegue. Qualquer dia ocupa o tecto da casa toda. E depois, como é que o visto?

ESTICÃO Olha, já experimentaste um lençol?

TIA Um lençol como, Esticão?

ESTICÃO Epá, um lençol de cama. Vais enrolando à volta dele e com uns alfinetes de bebé apertas onde queres. No dia seguinte, se ele tiver inchado, rectificas e assim por diante. Como nos orçamentos dos governos, tás a ver?

TIA Não é mal pensado, Marta...
(Marta entretanto saiu do quarto)
Onde é que ela foi?

MÃE O Esticão deu-me uma ideia.

PAI O Esticão? Deve ter sido sem querer, que isso nunca aconteceu!

ESTICÃO Se estivesse aqui em baixo enfiava-te uma galheta que ias ver!

PAI e ESTICÃO discutem

TIA Ó Marta, tu não faças isso que matas o homem!

MÃE Mato agora!

ESTICÃO Marta, deve haver outras soluções...

MÃE Dá-me uma, Esticão. Dá-me uma! Sou toda ouvidos!
(MARTA vai espetando a agulha no PAI, o PAI grita, o cão ladra, o FILHO tapa os olhos.)

POLÍCIA É aqui que ela o mata?

FILHA A minha mãe não é capaz de matar uma mosca!
(pausa)
Já vai ver...

TIA Mas o que é queres fazer com isso?

MÃE Vou abrir-lhe um pipo. Ele está cheio de ar. Se lhe abrir um pipo ele vai vazando e a gente apanha-o quando ele estiver a cair!

(pausa. Para ESTICÃO)

Mete-te aqui por baixo, Esticão. Quando ele estiver a cair apanha-lo.

(ESTICÃO posiciona-se para ficar debaixo do PAI)

PAI Para com isso, por amor de deus! Não vês que só me estás a abrir feridas? Isso não funciona!

MÃE Tem paciência, Henrique, tem paciência. Não te vais armar em mariquinhas agora. É para o teu bem. Não temos outra solução, nem os médicos nos conseguem ajudar.

TIA Eu conheço um senhor africano que já me recomendaram e que diz que trata de casos muito difíceis como este, Marta. Posso falar com ele...

ESTICÃO Esses africanos das magias é tudo uma aldrabice, Amélia, deixa-te lá disso!

PAI Ó Esticão, deixa-a trazer o preto!

TIA Aldrabice nada! Foi assim que consegui que deixasses de fumar!

ESTICÃO Ó Amélia, eu deixei de fumar porque estive um mês com uma pneumonia que me ia limpando o sebo! Mal conseguia respirar, quanto mais fumar!

TIA E quem é que achas que te encomendou a doença, Esticão?

ESTICÃO Porra, Marta, tu vais matar o homem!

MÃE Mata nada, ele já passou por muito pior. Tá aqui armado em mariquinhas...

Não te mexas, Henrique!

TIA (para Esticão)

Eu vou levar o menino para dentro, que não é certo ele estar a ver uma coisa destas. Ainda fica com a ideia de que todas as mulheres são assim...

ESTICÃO Ele está a sangrar, Marta!

MÃE São uns cortes, Esticão, não é nada! É como fazer a barba!

ESTICÃO Com agulhas?

(o PAI grita mais alto com um dos espetões da MÃE. o FILHO arma-se em cão e morde a MÃE)

MÃE Ahhhhhhh. Mas o que é isto?!!!

FILHA O meu irmão sempre sonhou em ter um cão chamado Nero

FILHO Eu sou o Nero, eu sou o Nero!

PAI Vai Nero, ajuda, ajuda o dono!

MÃE Esticão, ajuda-me!

ESTICÃO Tu sabes que eu não me sinto à vontade com cães, Marta.

MÃE Sai daqui, olha que eu dou-te um pontapé, Rogério!

PAI Não me batam no cão, que o cão não tem culpa nenhuma!

ESTICÃO Eu não sou capaz de bater em animais, Marta, não sou.

MÃE Que belo paraquedista me saíste!

ESTICÃO Tu vais matá-lo, Marta!

POLÍCIA Já chega! Agora já sabemos quem o matou
(todos param e o polícia algema a mãe)

CENA 3.5| SALA

UM POLÍCIA
MÃE (MARTA)
FILHA (RITA)
FILHO (ROGÉRIO)
NERO, O CÃO

POLÍCIA O que é que ela está a fazer?

FILHA Está à procura do pai...

POLÍCIA No chão?

FILHA É onde ela acha que ele se esconde...

POLÍCIA Como assim?

MÃE (para Rogério)
Rogério, levanta daí e vem me ajudar!

FILHO Ó mãe, mas eu estive aí contigo a manhã toda!

MÃE Não me obrigues a... olha que levas uma galheta!
(vai atrás dele e ambos saem)

FILHA A minha mãe acha que o meu pai ficou muito pequenino.

POLÍCIA Pequenino?
Pequenino como?

FILHA Ela acha que de tanto o furar um dia acertou e ele começou a desinchar e foi desinchando até perder todo o ar que tinha acumulado...

POLÍCIA E não deram por isso?

FILHA O problema é que a minha mãe está convencida que ele perdeu mais ar do que deveria e que desinchou até ficar do tamanho de um berlinde, ou mais pequeno...

POLÍCIA Mas como é que isso é possível?

FILHA Houve uma altura que ela estava quase a desistir, coitada.
Mãe? Mãe?

Aquilo custava-lhe muito, todos os dias empoleirada numa cadeira para tentar abrir um pipo naquela massa de corpo. Ia dando cabo das costas.

Quer dizer, andar assim de joelhos pelo chão também não lhe há de fazer bem. Mas pelo menos já está habituada...

O meu pai gritava o tempo todo. Só estava quieto quando eu ou o mano lhe dávamos vinho e o deixávamos ver as notícias.

POLÍCIA Ele ainda conseguia beber naquele estado?

FILHA Era difícil, mas sim, com uma palhinha.

POLÍCIA Eu não percebo é porque é que a tua mãe acha que ele se transformou numa espécie de berlinde fujão...

FILHA O meu pai já não aguentava, pobrezinho. Estava cheio de buracos e de feridas. Pingava sangue pela casa quando o levávamos de um lado para o outro. Parecia uma daquelas pessoas que tremem muito e que tentaram fazer a barba à antiga. Mas no corpo todo. Estava cheio de pensos. Gastávamos um dinheirão em pensos e água oxigenada.

POLÍCIA E como é que ele deixava a tua mãe continuar a picá-lo daquela maneira?

FILHA Ele não podia fazer nada. Já nem os dedinhos das mãos mexia. Até a voz lhe ia sumindo. A minha mãe enfiava-se no quarto com ele, fechava a porta à chave e mandava-nos pôr a televisão mais alto, para que os vizinhos não ouvissem os gritos.

O vizinho de cima, à terceira vez que veio cá bater à porta, prometeu porrada a toda a gente.

POLÍCIA E a tua mãe acha então que ele desinchou...

FILHA Até ao tamanho de um berlinde...
Ou mais pequeno ainda.

POLÍCIA Mas porque é que não parou no «tamanho certo»? No tamanho dele?

FILHA Porque não tinha ninguém que lhe tapasse o pipo!

A mãe entra, como se se entregasse à polícia

POLÍCIA Percebo...
(pausa)
Este caso é muito complexo...

FILHA Acha que nos consegue ajudar?

POLÍCIA Estou há tão pouco tempo na polícia...
 Não sei se tenho a experiência necessária. É o meu primeiro caso com uma pessoa desaparecida. E logo nestas condições...
 Podemos tentar com um cão-polícia...

Rogério aparece como cão polícia

FILHA Um cão-polícia para quê?

POLÍCIA Então, para o tentar encontrar no soalho. Sempre é melhor do que andar de joelhos pela casa toda. Sabias que os cães têm um olfacto um milhão de vezes superior ao nosso? A gente só precisa de lhe dar a cheirar uma peça de roupa do teu pai e ele...

FILHA O meu pai não está no chão! Isso é uma coisa que a minha mãe inventou e a gente vai fingindo que acredita e que ajuda!

POLÍCIA Então?

MÃE (de joelhos no chão) Henrique? Onde é que tu estás, Henrique? Desculpa!

FILHA Sabe lá as voltas que já demos à casa! Os sacos de aspirador que virámos e revirámos. Até coámos o pó!

 E sempre com a minha mãe a espreitar por cima do nosso ombro e a obrigar-nos a falar com as mãos-cheias de sujidade que íamos tirando do aspirador ou da pá...

FILHO «Pai, estás aí? Pai, grita se nos ouves.»

 Ficou paranóica com os barulhos. Ouvia a voz do meu pai nos barulhos da rua, ouvia os barulhos da rua em casa, de cada vez que ela fazia ch! já sabíamos que as duas horas seguintes as íamos passar num canto qualquer a gritar para o chão de joelhos.

 Até tábuas do soalho arrancou.

 Se o senhorio desconfia...

POLÍCIA Então onde está o teu pai?

FILHA Se lhe contar isto fica entre nós, sim? Não pode contar a ninguém.

POLÍCIA Claro

FILHA Promete?

POLÍCIA Pela saúde da minha mãe!

FILHA (desconfiada)
Está bem.
Eu tenho a certeza que foi o meu irmão...
Vai, Rogério!

POLÍCIA Que o matou?

FILHA Não! Ninguém matou ninguém! O meu pai não está morto!

POLÍCIA Então? Estou confuso...

FILHA O meu irmão tinha muita pena do desespero do meu pai. Já não aguentava.

FILHO Um dia, eu abri a janela grande da sala e o meu pai escapou.

POLÍCIA Pela janela?

FILHA Pela janela.

POLÍCIA Pensando nisso, faz sentido...

FILHA Pois faz.

POLÍCIA Olha lá, e agora? Onde andaré ele?

FILHA Lá em cima, claro. No céu, ou um bocadinho abaixo dele... Que importa? Está livre.

Ele sempre se queixou de não ter feito o suficiente pelos outros porque esteve sempre ocupado a sobreviver.

FILHO Pai, tu voltas?

PAI Como chuva. Como chuva, Rogério

FILHA Eu gostava de voltar como chuva

volta a esquadra

POLÍCIA Em relação àquela carta que vocês precisavam, se quiserem passar lá amanhã, já a devo ter assinada.

FILHA Tem de ser em triplicado.

POLÍCIA Em triplicado?

FILHA Sim, é uma cópia para apresentar nos correios, outra para segurança social e uma para o clube de vídeo onde ele era sócio.

POLÍCIA Não pode ser fotocópia?

FILHA Acho que não...

POLÍCIA É melhor depois de amanhã, então. Está bem?

FILHA Obrigado.

O PEQUENO HITLER

Não há luz no palco. É de noite. De repente um grito de uma criança, vários gritos. Entra a MÃE. Acende a luz. A criança acordou a meio de noite.

CENA 4.1 | QUARTO / CAMA

MÃE
FILHO

MÃE Filho, estás bem? Que se passa, filhote?

O menino na cama apenas treme e chora convulsivamente. Tenta adaptar a visão à luz que repentinamente aparece.

FILHO Não... Não... Não...
(chora)

MÃE É só um sonho, filho, é só um sonho, já passa. Já passa
(abraça o menino, que nos braços dela vai acalmando)
Pronto... Pronto... Já está... Já está...

FILHO Eu não... Não fui eu... Não fui eu...

MÃE Já passou... Estou aqui, amor... Já passou...

FILHO Mas o pai... Eu não... Não fui eu

MÃE Eu sei, amor. Eu sei, não foste tu. Já passou. Estou aqui.

FILHO É tão... difícil... é... tão difícil...

MÃE Eu estou aqui para ajudar. Estarei sempre aqui para ajudar. É para isso que servem os pais...
(pausa)
Foi o mesmo sonho?

FILHO Não... Foi parecido...

MÃE Conta, amor. É importante contares, como disse a doutora. Ajuda-te a arrumar a cabeça, que apesar de seres muito pequenino ainda já tem muita coisa lá dentro, não é? E depois as coisas ocupam espaço, a cabeça é pequenina
(passas as mãos pela cabeça do MIÚDO como se a medisse, brinca com ele)

e à noite viras-te de um lado para o outro, desarrumas tudo, fica tudo umas coisas por cima das outras e depois vêm esses sonhos, que é tudo por causa dessa desarrumação, não é?

FILHO Tenho de dormir com a cabeça atada?

MÃE Ah ah ah. Não, amor. Pelo contrário! As coisas quando não se mexem do sítio acumulam pó e sujidade e mofo. Mexer nisso tudo é saudável. Podes abanar a cabeça à vontade. Olha a mãe!

(abana com energia a cabeça)

Vês! Agora tu!

FILHO (desconfiado)

MÃE Sem medos! Como é que o pai diz sempre?

FILHO Sem medos!

(abana a cabeça com energia)

MÃE Isso mesmo

(abanam os dois a cabeça, riem)

FILHO (fica novamente com cara séria)

Tu estavas lá.

MÃE Onde, amor? No sonho?

FILHO Sim. No sonho. Tu e o papá.

MÃE E que estávamos a fazer, amor.

FILHO Eu estava doente. Eu estou sempre doente neste sonho. Mamã, vou ficar doente?

MÃE Não filho, os sonhos não contam o futuro. Os sonhos são só sonhos. Formas que a cabeça tem de arrumar as coisas à noite.

FILHO Não vou morrer da doença do sonho?

MÃE Não filho. Nem ficar rico se encontrares um tesouro no sonho. Nem voar. Olha, já sonhaste que voavas?

FILHO Não... Eu sonho sempre com a floresta. Com aquela casa. Com... com o poço e o cão.

MÃE Sim, tens razão. Mas olha, se sonhasses que voavas, achas que acordavas e conseguias voar?

FILHO Acho que não...

MÃE Claro que não. A mãe já sonhou imensas vezes que voava e até agora nada. Acordo e nickles batatoides.

FILHO Mas porque é que eu sonho sempre com a mesma coisa, mamã?

MÃE Pois. Isso é o que estamos a tentar perceber, não é? Por isso é que começaste a ter consulta com aquela doutora naquele consultório cheio de puzzles que tu adoras, não é?

FILHO Sim! Quando eu for grande e tiver muito muito dinheiro vou ter mais puzzles que o consultório!

MÃE Pois vais, uh uh!

(levanta a mão para fazer um hi five, o MIÚDO responde com uma palmada vigorosa na palma da mão da MÃE)

Queres então contar à mamã o que se passou no sonho?

FILHO Sim

(pausa)

Eu estava em casa. E o papá lá fora. Nevava muito.

MÃE O lenhador?

FILHO Sim. E ele trazia um pinheiro e o machado. O pinheiro era muito muito grande. Mas ele puxava-o como se não pesasse nada. E depois... depois o cão começou a ladrar. Ladrava muito.

MÃE Era o mesmo cão? Como se chama?

FILHO Nero...

MÃE É aquele cão grande...

FILHO Sim. É muito muito grande. E muito peludo. E tem fogo nos olhos.

MÃE Um reflexo da luz...

FILHO Não é nada! É fogo. Eu vejo as labaredas! É como o poço! É fogo, ouviste? É fogo!

(o MIÚDO começa a ficar nervoso)

MÃE Pronto, pronto, é fogo. Alguma vez a mamã desconfiou de ti? Não te defendeu quando disseram que tinhas partido a cabeça

daquele menino na escola? Quando te acusaram de teres espetado a caneta na mão daquele outro menino de propósito? O que é que a mamã disse?

FILHO Que era mentira...

MÃE Que era mentira... Que o meu menino era incapaz de fazer essas coisas de propósito... Que os acidentes...

FILHO Acontecem!

MÃE Que os acidentes acontecem, precisamente.
(pausa)

 E é verdade. Os acidentes estão sempre a acontecer. E as pessoas parece que precisam sempre de arranjar um culpado, mesmo quando a única culpa é do acaso ou do destino...

FILHO O poço também tinha fogo.

MÃE O poço lá fora?

FILHO Sim. Aquele para onde tu e o papá atiram pessoas depois de as convidar para jantar.

MÃE Ó filho, que disparate. Achas que eu e o papá faríamos uma coisa dessas?

FILHO Não é aqui! É no sonho. No sonho vocês são muito maus.
(pausa)

 Tu és menos má que o papá. O papá é que está sempre a fazer maldades. Bate no Nero quando está zangado e... e... fica muito zangado quando eu estou doente. E não gosta dos meus desenhos. E depois começa a tirar o cinto mas tu dizes «não» e ele fica zangado contigo...

MÃE É no sonho, amor. O papá não é assim. O papá é muito bonzinho contigo. E gosta dos teus desenhos.

FILHO Não gosta de todos! Às vezes não diz nada quando lhe mostro um desenho!

MÃE Se calhar é porque gosta mais de uns do que de outros...

FILHO Não pode! São todos bons!

MÃE Ah ah ah. Eu amanhã falo com ele sobre isso.
 E depois, no sonho?

FILHO O papá começa a cortar o pinheiro com o machado. Lá fora. E neva muuuiiiittttoooo. Está sempre a nevar no sonho. E depois tu chegas, com uma garrafa grande leite. Mas é mesmo grande. E não é de vidro. É cinzenta. Não se vê lá para dentro. Parece de chumbo. Ou como a tampa do teu computador.

MÃE E como é que sabes então que é leite?

FILHO Porque sei! Porque o sonho é meu!

MÃE Ok... ok... tudo bem, se sabes sabes.

FILHO E porque já vi o que estava lá dentro. Noutros sonhos. Às vezes deixas cair a garrafa e a garrafa abre. E o papá olha para ti e levanta a mão. E tu fechas os olhos. E eu vou buscar uma faca muito comprida à cozinha e corro lá para fora...
(silêncio)

MÃE E depois?

FILHO Não sei. Ainda não sonhei a continuação...

MÃE E neste, no de hoje?

FILHO Então, tu chegas. O papá está a cortar a lenha. E tu entras em casa. Sinto o frio na cara, parece que morde. Só... só de me lembrar dá-me logo vontade de tremer...

MÃE Mas a gente nunca foi à neve... Como é que tu sabes que é neve, lá fora!

FILHO Porque já vi na televisão e no tablet! E porque o sonho é meu e eu sei tudo do sonho!

MÃE Claro, claro, nem me lembrei disso...
E o que é que eu faço depois?

FILHO Então, tu entras. Metes a garrafa no chão. Respiras fundo. Depois olhas para mim. E tens os olhos muito tristes. Parece que não gostas de olhar para mim. Eu fico muito envergonhado. Sinto o sangue a vir à cara. Fico todo vermelho.

MÃE E eu, no sonho?

FILHO Tu dizes qualquer coisa, mas eu não percebo. Deve ser em estrangeiro. Como às vezes na televisão, naqueles desenhos que falam outra língua.

MÃE Consegues imitar o som daquilo que ouves? Mesmo sem perceber?

FILHO Consigo. Mas não quer dizer nada. É tipo «zon».

MÃE «Son». Não será «son»? Quer dizer «filho» em inglês. Podes ter apanhado dos desenhos, há muitos em inglês, é perfeitamente normal...

FILHO (interrompendo)

Não é nada! Não é inglês. Eu percebo inglês. É outro estrangeiro! Eu sei! O sonho é meu. É «zon»!

(filho, em alemão, escreve-se «sohn» e o «s» com vogal lê-se «z»)

MÃE «Zon», «zon»... A única coisa de que me lembro, e é bastante tonta, é que isso era o nome de uma operadora de tv cabo em Portugal. A Zon.

FILHO Não tem nada a ver com isso.

MÃE Como é que sabes?

FILHO Porque o sonho é meu!

MÃE Ok, ok.

(para si)

Também eras muito novinho para te lembrares dos anúncios e nunca tivemos cá em casa, que o Rogério sempre disse que...

FILHO (zangado)

NÃO QUERES OUVIR O RESTO?

MÃE Desculpa! Desculpa. Claro que quero ouvir... Conta lá...

CENA 4.2 | QUARTO / CAMA

MÃE

FILHO

FILHO Eu estou muito vermelho, porque tenho vergonha. E tu vens para mim e tiras-me os desenhos da mão.

MÃE Estavas a desenhar no sonho?

FILHO Não. Não sei... não me lembro. Mas tenho desenhos na mão. E tu tiras-me os desenhos e fazes assim com a cabeça...

(o FILHO faz um movimento de desilusão com a cabeça, para exemplificar)

MÃE Mas porquê? Não gosto dos teus desenhos no sonho?

FILHO Tu achas que eu sou um monstro...

MÃE Ah ah ah! Por causa dos desenhos, querido?

FILHO Sim

MÃE Eu nunca vou achar que és um monstro! Mesmo que desenhes os maiores monstros do mundo!

FILHO Eu não desenho monstros!

MÃE Eu sei, filho. O que é que desenhavas?

(pausa)

No sonho, quero dizer...

FILHO Tenho vergonha...

MÃE Ó filho, já não estás no sonho! Aqui estás seguro. Às vezes quando acordamos temos a sensação de que ainda estamos lá, é normal, mas já não estás, já acordaste...

FILHO Não é isso...

MÃE Então é o quê, amor?

FILHO São cus...

MÃE Desculpa?

FILHO Os desenhos que faço são de cus.

MÃE (pausa)
Queres dizer rabos?

FILHO Não! Cus!

MÃE Erh, pois. Olha, qual é a diferença?

FILHO Então, tu sabes! O rabo é aquilo tudo, atrás, aquilo, aquilo onde as pessoas se sentam... há uns maiores e outros mais piquinhos, tu sabes!

MÃE ok ok. E o cu?

FILHO (muito baixinho, a voz a sumir-se, os olhos postos na cama)
É o buraquinho...

MÃE Como? Não percebi.

FILHO (ainda muito baixinho)
É o buraquinho...

MÃE Não percebo, filho, tens de falar...

FILHO É O BURAQUINHO!

MÃE (ri-se com alguma vergonha)

FILHO Porque é que te estás a rir? Porquê? Eu sabia!

MÃE Calma, filho, não me estou a rir de nada. Estou-me a rir contigo!

FILHO Mas eu não estou a rir!

MÃE Tens razão. Desculpa. Desculpa. É que no mundo dos adultos, rabo e cu são a mesma coisa, sabes?

FILHO Não são nada! O rabo é o grande! O cu é o piquinho!
O mundo dos adultos não presta!

MÃE Não precisas de te zangar. Se calhar é assim e a mãe não sabia disso.

FILHO Como é que vocês sabem o que é o grande e o que é o piqueno?

MÃE Olha
 (pausa)
 Boa pergunta, acho que nunca pensei nisso...

FILHO Pois. O cu é o coração do rabo, estás a ver. É o meio. É o piqueno.

MÃE Visto assim, a lógica é inatacável...

FILHO O quê?

MÃE Que tens razão, filho...

FILHO Eu sei. Os adultos são estúpidos e trocam tudo.

MÃE Sim.
 (pausa)
 Mas vamos voltar ao sonho... Os desenhos...
 O que é que acontece quando eu pego nos desenhos?

FILHO Ficas a olhar para mim. E a olhar para o papá. E ouve-se o cão lá fora a ladrar.

MÃE E depois?

FILHO Depois tu dizes uma coisa que eu não percebo.
 Acho que é estrangeiro.

MÃE Digo o quê?

FILHO (em mau alemão)
 Du bist der Teufel.

MÃE O quê?

FILHO Du bist der Teufel.

MÃE Du bist der Teufel... Engraçado. Parece alemão. Tu vês desenhos animados em alemão? Podia jurar que é alemão.

FILHO O que é alemão?

MÃE É a língua que os meninos que moram na Alemanha falam.

FILHO O que é Alemanha?

MÃE É um país muito rico, muito importante, no centro da Europa
– que nos está sempre a financiar os disparates, como diz o
teu pai –
onde se fala alemão.

FILHO Acho que não percebi nada.

MÃE Deixa, não é importante, pode ser só impressão minha.
(pausa. A mãe pega num lápis e numa folha de papel)
Olha, podes repetir só para a mãe apontar?

FILHO Du bist der Teufel.

MÃE (a escrever)
Du... bist... der... Teufel.
(pausa)
Tenho um amigo que viveu na Alemanha muitos anos, depois
mostro-lhe isto.
(pausa)

FILHO Porque é que tens amigos da Alemanha? O pai sabe?

MÃE Claro que sabe, filho! Ah ah ah. É um amigo de infância que
foi trabalhar para lá. Já há muito muito tempo. Foi um pouco mais
velho do que tu e não voltou.
(pausa)
E o teu sonho, amor, como continua?

FILHO Depois tu atiras os desenhos para o chão. E pisas. E
chamas-me coisas...

MÃE Que coisas?

FILHO Não me lembro... coisas que não percebo... coisas de
adultos...

MÃE Tudo bem, querido...

FILHO E eu fico muito zozinho e a minha cabeça começa a pesar
muito muito
E eu vou caindo caindo
Para o chão, para cima de um desenho
E quando estou quase a chegar ao desenho entro

MÃE Entrar no desenho? Como assim.

FILHO Entro no buraco. No desenho do buraco.

MÃE No...
No cu?

FILHO Já não é um cu. É o poço.

MÃE O poço lá fora? O poço que vês sempre nos sonhos?

FILHO Esse poço.

MÃE Esse poço...

CENA 4.3 | QUARTO / CAMA

MÃE
FILHO

MÃE E que acontece então dentro do poço?

FILHO Eu vou a nadar. Mas para baixo, não sei porquê. Eu devia nadar para cima, para não me afogar. Mas eu sei que tenho de nadar para baixo. Eu sei e não sei porquê...

MÃE Para o fundo?

FILHO Não há fundo.

MÃE Como assim?

FILHO Não há fundo. Eu continuo a nadar e nunca chego ao fundo. Estou quase sem ar. Mas o poço começa a ficar diferente. Começam a aparecer coisas.

MÃE Que tipo de coisas, amor?

FILHO Coisas, pessoas. Bocados de pessoas. Uma perna, um braço, uma cabeça.

MÃE Céus...

FILHO E eu grito quando a cabeça passa por mim, quando a cabeça olha para mim com aqueles olhos mortos.

(pausa)

Às vezes acordo nesta parte. Às vezes não.

(pausa)

Mas não é água que entra para dentro de mim. É ar. E não me afogo, mamã. Nado e respiro como um peixe. Só que não tenho escamas.

MÃE Vês! É o que te dizia há bocado. É bom sonhar. Nos sonhos tudo é possível! Nos sonhos acontecem coisas incríveis, amor.

FILHO E coisas muito más!

MÃE É verdade. Os pesadelos são um bom exemplo disso...

(pausa)

Amor, tens mais sonhos ou pesadelos?

FILHO Eu não tenho sonhos...

MÃE Não digas isso, filho. Se calhar não te lembras deles, mas toda a gen...

FILHO (firme sem precisar de subir muito o tom de voz)
Eu não tenho sonhos.

MÃE Está bem, está bem. Não te aborreças, sim? Eu estou aqui para te ajudar, amor. Sim?

(pausa)

E o poço? Ainda estás dentro do poço?

FILHO Sim. É muito fundo. Quer dizer. A certa altura já não estou a ir para baixo, percebes?

MÃE Como assim.

FILHO O poço está de lado, assim

(faz com o braço um gesto de horizontalidade)

E eu estou a nadar no meio, como se estivesse dentro de um tudo. E à volta

(pausa)

De repente as paredes ficam que parece de vidro. Vê-se lá para fora. E está luz.

E já não há bocados de pessoas na água. Só peixes. Peixes de todas as cores. Brilhantes.

MÃE Essa parte é um sonho, não é? Dá-me vontade de nadar ao teu lado.

FILHO Mãe, achas que se duas pessoas sonharem com a mesma coisa que se encontram no sonho?

MÃE Não estou a perceber.

FILHO Então, se eu sonhar que estou contigo na cabana, e com o pai, e tu sonhares que estás comigo e com o pai, é como se estivéssemos juntos no sonho, não é?

MÃE Se for ao mesmo tempo, acho que sim...

FILHO Como é que a gente pode saber que é ao mesmo tempo?

MÃE Pois, não sei. Ainda não inventaram uma máquina para ver dentro dos sonhos.

Chça, que tu com essa idade já me dás a volta a moleirinha!

FILHO (ri-se)

Olhar para os sonhos! Como no Oceanário! Os sonhos podiam ser os pinguins. E os pesadelos aquelas focas gordas com dentes grandes.

MÃE As morsas!

FILHO As morsas!

MÃE (ri-se)

(riem-se ambos)

Queres tentar voltar a dormir? Já é tarde. Amanhã tens escola e...

(boceja)

A mãe tem trabalho, infelizmente.

FILHO Não!

MÃE Não?

FILHO Não, tenho de te contar o resto.

MÃE Ó filho, podes me contar amanhã...

FILHO Não, mamã. Não posso.

MÃE Está bem, está bem, amor. Calma. Conta-me então. Conta-me tudo.

(pausa)

Se for preciso a gente inventa uma dor de barriga para os dois e vamos mais tarde para a escola e para o trabalho, sim?

(o FILHO sorri, a MÃE sorri)

FILHO Lá fora, lá fora estás a ver? Do tubo?

MÃE Sim, onde nadas.

FILHO Sim, lá fora acontecem coisas.

MÃE Que tipo de coisas?

FILHO É uma cidade grande, com casas muito altas, cinzentas e castanhas. E há muitos polícias fardados, mas são polícias diferentes dos nossos polícias...

MÃE Diferentes como?

FILHO Os fatos, são pretos. Têm armas grandes, espingardas. Empurram as pessoas com as armas e gritam, gritam muito.

MÃE O que é que dizem?

FILHO Não percebo. Não consigo perceber. Falam como vocês, no sonho. Como tu e o papá. Mas eu não percebo.

MÃE Tudo bem, amor. E de que te lembras mais?

FILHO Dos comboios.

MÃE Que comboios?

FILHO Aqueles comboios antigos, que a gente vê nos filmes, que faz tchu-tchu, com o fumo a sair-lhes da cabeça, sabes mãe?

MÃE Comboios a vapor?

FILHO Sim, que fazem nuvens grandes quando passam, e as nuvens parecem ovelhas e dragões e animais que nem sequer existem no mundo mundial!

MÃE Sim, amor, eu sei, eu sei. Mas que fazem os comboios aí no teu sonho?

FILHO É para onde os polícias empurram os senhores e senhoras.

MÃE Para que é que os empurram?

FILHO Não sei, deve ser para não chegarem atrasados.

(pausa)

Eles entram todos nuns quartos grandes com portas muito grandes!

MÃE Quartos?

FILHO Sim, aqueles quartos no comboio uns a seguir aos outros atrás da máquina que faz vapor.

MÃE Os vagões.

FILHO Sim, isso.

MÃE E eles não querem entrar, é isso?

FILHO Não, eles gritam muito. Quer dizer. Alguns gritam muito. Há outros que não gritam nada, e vão a olhar para o chão. Mas depois os polícias começam a separar as pessoas. E as famílias, e as crianças, e a gritaria recomeça. E às vezes um senhor foge com um menino ao colo e os polícias atiram. E o senhor morre e eu grito também. Dentro de água, porque ainda estou dentro de água. Mas não se ouve nada.

(pausa)

Sabias que se gritares dentro de água não se ouve nada?

MÃE Sim, amor, sabia.

CENA 4.4 | QUARTO / CAMA

MÃE
FILHO

MÃE Sabes que mais, querido?
Às vezes nem quando gritas fora de água alguém te ouve.
(pausa)
Às vezes nem fora de água consegues respirar...
Tens de ser forte. Tens de ser mais forte que os outros.
(pausa)
Este mundo é muito complicado.
Muito cruel. Muito injusto.

FILHO Eu não sou forte!

MÃE Porquê, querido?

FILHO Porque sou pequeno
E vocês são grandes.
Vocês é que são fortes!

MÃE ah ah ah
Meu amor
Tu vais crescer
Tu vais ficar mais alto que o pai, maior, mais forte!

FILHO Não vou não

MÃE Vais. E vais ser forte porque está nos teus genes.
Na história da tua família.
Nos teus antepassados e nas coisas que tiveram de superar
para estares aqui.
Para a mamã estar aqui. Para o papá estar aqui.
Para termos este país. Esta vida. Esta história e esta cultura.

FILHO Não percebi nada, mamã.

MÃE Eu sei, querido.
(faz-lhe uma festinha)
Eu sei.
Mas vais perceber. Vais perceber tudo, prometo.
(pausa)
Olha, sabes o que é que me ajudava muito em criança a
voltar a dormir quando tinha pesadelos?

FILHO O quê?

MÃE Rezar.

Rezar com a minha mãe.

Ela vinha ter comigo quando eu tinha pesadelos.

E ficávamos imenso tempo a falar.

Quer dizer, eu a falar e a chorar.

Ela a ouvir-me e a mexer-me no cabelo.

E depois quando eu parava de falar e de chorar.

Ela abraçava-me muito.

Abraçava-me eu sentia-me ali segura como nunca mais me senti na vida.

(pausa. Limpa uma lágrima)

Depois rezávamos juntas.

Pedíamos saúde para a nossa família, força, paz para todo o mundo.

Pedíamos ao bom Deus que afastasse da minha cabeça os pesadelos e do meu coração o medo.

FILHO E depois?

MÃE E depois eu dormia. Dormia tão tranquila e tão em paz que a minha mãe tinha de me acordar de manhã para ir para a escola.

Logo eu, que acordava antes de toda a gente e ia saltar para cima dos meus pais na cama deles.

O teu avô – o meu pai – ficava furioso!

Mas depois fazia-me cair com as pernas para cima deles e abraçava-me.

E ficava a chamar-me «tonta», «minha tontinha» e a dar-me beijinhos.

(pausa)

Tenho tantas saudades deles...

FILHO Mamã...

MÃE Sim, querido.

FILHO Achas que se rezarmos os pesadelos vão embora?

MÃE Não sei, amor. Mas comigo funcionava.

Queres experimentar?

FILHO Quero.

MÃE Então vem comigo para aqui, para o meu lado.

(a MÃE ajoelha-se ao lado da cama. O FILHO sai da cama e vem para o lado dela).

(ambos juntam as mãos)
Agora quando eu disser uma coisa, tu repetes depois de mim,
está bem?
Mesmo que não percebas logo o que quer dizer.
É importante.
Fazes isso?

FILHO Sim.

MÃE Pai nosso que estás no céu.

FILHO Pai nosso que estás no céu.

MÃE Dá-nos por favor
(a CRIANÇA Interrompe)

FILHO Dá-nos por favor...

MÃE Espera, amor. Deixa a mãe acabar.

FILHO Desculpa.
(a mãe sorri e faz-lhe um carinho no cabelo)

MÃE Dá-nos por favor a força que precisamos...

FILHO Dá-nos por favor a força que precisamos...

MÃE Para todos os dias superarmos os obstáculos que se
atravessam à nossa frente...

FILHO Para todos os dias...

MÃE Superarmos os obstáculos...

FILHO Superarmos os obstáculos...

MÃE Que se atravessam à nossa frente...

FILHO Que se atravessam à nossa frente...

MÃE E cumprirmos assim o teu desígnio.

FILHO E cumprirmos assim o teu desenho.

MÃE Dá-nos coragem, saúde e amor...

FILHO Dá-nos coragem, saúde e amor...

MÃE Para sermos bons com os maus...

FILHO Para sermos bons com os maus...

MÃE Corajosos com os cobardes...

FILHO Corajosos com os cobardes...

MÃE E justos com os injustos...

FILHO E justos com os injustos...

MÃE Dá-nos a paz que desejamos...

FILHO Dá-nos a paz que desejamos...

MÃE Amigos que nos façam sentir sempre em casa...

FILHO Amigos que nos façam sentir sempre em casa...

MÃE E pão em abundância sobre a mesa...

FILHO E pão em abundância sobre a mesa...

MÃE E já agora um bifinho de vez em quando, que o pequeno está em crescimento...

FILHO E já agora...

MÃE A mãe está a brincar, filho.

(riem-se um bocadinho)

Dá-nos tudo isto de acordo com a tua vontade...

FILHO Dá-nos tudo isto de acordo com a tua vontade...

MÃE E com o que merecemos...

FILHO E com o que merecemos...

MÃE Ámen...

FILHO Ámen...

MÃE Sentes-te melhor?

FILHO Sim, acho sim. Mas deem-me os joelhos...
(a mãe ri).

MÃE Anda-te deitar, anda lá.

(a CRIANÇA sobe para a cama. A MÃE ajuda-o, tapa-o. Dá-lhe um beijinho na testa.)

FILHO Mamã...

MÃE Sim?

FILHO Eu sei que não gostas, mas...
Posso dormir com a luz acesa?

MÃE Hoje podes, amor. Mas é uma excepção!

FILHO Gosto muito de ti...

MÃE Eu também gosto muito de ti...

CENA 5.5 | QUARTO DOS PAIS / CAMA

MÃE

PAI

PAI (a falar com os olhos postos no livro)

Então, que era?

Outra vez a mesma coisa?

MÃE Outra vez a mesma coisa.

(pausa)

Mas é engraçado, sabes.

(pausa)

Para além de quase nunca se lembrar da segunda parte do sonho, isto é, que não é a primeira vez que sonha aquele sonho, de cada vez que o faz vai acrescentando detalhes.

É interessante.

PAI Isso é bom sinal.

(pausa)

Achá-lo mais preparado?

MÃE Não sei. Devias estar mais tempo com ele. Tu és melhor do que eu a ver essas coisas. Devias ser tu a ir lá um dia destes à noite. Sempre era uma perspectiva diferente.

PAI Não sejas tonta.

(tirando os olhos do livro)

Sabes que és tu que tens de ir lá. Só podes ser tu.

MÃE Eu sei.

PAI Se não fizermos tudo certinho, não resulta.

MÃE Eu sei.

(pausa)

(deita-se)

Às vezes fico farta de tantas regras.

PAI Sem regras não somos nada, Marta.

MÃE Eu sei.

(pausa)

Mas não te cansa às vezes?

PAI Não penso nisso. Não me posso distrair com isso.

MÃE Quem me dera ter a tua determinação.

PAI Chega para os dois.

MÃE Pois chega.
(insinuando a mão por debaixo dos lençóis)
Sabes o que também podia chegar para os dois?

PAI (suspira)

MÃE Estás acordado...
Eu estou acordada...

PAI Preocupa-me ele não dar mostras de conseguir ver o fim do caminho.
(pausa)
Pára sempre no mesmo ponto.

MÃE Dá-lhe tempo. Com aquela idade é normal que tudo aquilo ainda seja demasiado para ele absorver e digerir.
(pausa)
E muito longe já chegou ele.

PAI Verdade. Mais longe do que qualquer outro.

MÃE Já pensaste se ele é mesmo...
Sei lá. Sei que não devia pensar nisso, mas não consigo evitar...
(pausa)
Arrepio-me de cada vez que me passa esta ideia pela cabeça.
(continua a masturbar o marido por debaixo dos lençóis)
(sussurrando)
Já te disse que me excita pensar nisso?...

PAI Não mistures as coisas, Marta!

MÃE (lânguida)
Mas porquê?

PAI (suspirando)
Dá azar...

MÃE (continuando)
Pensei que tinhas mais confiança na profecia...

PAI E tenho, mas já sabes que para baixo todos os santos ajudam...

MÃE (para de masturbá-lo)
Henrique...

PAI Porque é que paraste?

MÃE Já pensaste...
E se não for desta?
E se não for ele?

PAI Continua
(a MÃE retoma contrariada a masturbação)

MÃE Estou a falar a sério.
E se não for ele?

PAI Tem tudo...
(suspira)
Tem tudo para ser ele.

MÃE Eu sei que tu acreditas muito nisso.
E eu também quero acreditar!
(pausa)
Mas nunca pensas que pode não ser...

PAI Marta...
Mais depressa...
Pensar... nessas coisas...
(geme)
Distrai-nos do objectivo principal

MÃE Eu sei.
Eu sei.
Mas como é que consegues não o fazer?

PAI Faz este exercício comigo...
Pensa...
E se for ele?
E se for mesmo ele por quem...
(Entrecorta as palavras)
Estamos à espera...
E se for ele que vem...
Nos salvar...
Nos redimir...

MÃE Isso seria maravilhoso...

PAI Então pensa só nisso.
Só nisso...
Só nisso...
(vem-se)

MÃE (tira uns toalhetes de papel de uma gaveta na mesa de cabeceira, limpa as mãos)
Tu és o optimista desta relação.

PAI Não é optimismo.
É fé.

MÃE E se apesar da tua insuperável fé as coisas não correrem como queremos?

PAI Também tem solução.

MÃE Queres dizer que...

PAI Sim.

MÃE (apavorada)
Eu gosto demasiado dele, Henrique.
Não quero nem pensar nisso.

PAI (faz-lhe uma festinha na cabeça)
É o que te tenho vindo a dizer.
Não penses.
Cumpre as regras.
Tem fé.
Tudo vai correr como queremos.

MÃE Gosto muito de ti...

PAI Eu também.

MÃE Até já.

PAI Até já.

(ambos desligam as luzes)

A AVÓ FOI FICANDO ESQUECIDA

CENA 5.1 | CASA | SALA

MÃE

PAI

AVÓ | AMÉLIA

FILHO | ROGÉRIO

FILHO | ANTÓNIO

FILHA | RITA

FILHA | RAQUEL

A AVÓ está sentada no sofá, a ver televisão. Tem sobre ela um foco de luz. PAI, MÃE e FILHOS rodopiam à volta dela, nos seus afazeres. O resto do palco está na penumbra. É como se a avó, que nada faz, fosse o foco da atenção e as restantes personagens, que andam por ali de um lado para o outro, o contexto. Uma espécie de inversão cenográfica da atenção e do foco. A cena decorre num formato de time lapse, como se se condensasse o tempo nuns quantos minutos. Enorme rebuliço à volta do sofá.

MÃE Vá lá, vá lá, tudo a despachar, estamos mais que atrasados!

PAI Ouviram a vossa mãe? Rita, já chega de pentear o cabelo, estás há quinze minutos nisso! Rogério, ajuda a tua mãe a meter os lanches na mochila! Raquel... Onde está a Raquel?

ROGÉRIO Casa de banho...

PAI O que é que ela está a fazer na casa de banho??

ROGÉRIO Errr...

MÃE Raquel, sai já dessa casa de banho!

RAQUEL Cocó!

ROGÉRIO Raquel!

PAI Despacha-te, Raquel!
António!

MÃE Rogério, divide as coisas como deve ser! Não açambarques tudo como na semana passada, que as tuas irmãs vieram-se queixar de que tinham passado fome na escola!

ROGÉRIO É mentira, mãe! Elas trocaram os lanches por uns bonecos estúpidos do Pingo Doce, umas princesas com cabelo roxo!

MÃE (para Rita) Isso é verdade, Rita?

RITA (meio abebezadamente) Não me lembro...

PAI António!

MÃE (a gritar para o corredor) Raquel, vocês trocaram os lanches por bonecos?

RAQUEL Cocó!

PAI Valha-nos Deus não termos ainda enlouquecido todos...

(a RAQUEL sai da casa de banho, a RITA está à porta com a mochila já às costas, PAI e MÃE ultimam a saída de casa, toda a gente se vem despedir da avó dando-lhe um beijinho na testa)

MÃE Até já, mãe.

RAQUEL Até já, avó.

ANTÓNIO Até já, vó.

RITA Até já, vovó.

PAI Até já, sogrinha.

ROGÉRIO Até já, avózinha.

(toda a gente sai mas toda a gente regressa passados alguns segundos. A ideia é mesmo a de time lapse encenado. Toda a gente volta a cumprimentar a AVÓ)

MÃE Olá, mãe, tudo bem?

PAI Dona Amélia, que tal vai isso?

TODOS OS FILHOS (à vez) Olá, avozinha.

(Mãe vai embora com a falta de reação da avó. O Pai vai atrás dela)

(Rita muda de canal. Rogério desliga a televisão)

ROGÉRIO (para Rita, a miúda mais velha) Porque é que mudaste de canal?

RITA Desenhos...

ROGÉRIO Mas a avó estava a ver o programa favorito dela.

RITA Mas estão a dar os desenhos...

Rita vai buscar o comando à avó

ROGÉRIO Dá cá o comando!

RITA Não.

ROGÉRIO Dá-me já o comando! Sua parvalhona! Aquele é o programa preferido da avó

ROGÉRIO Muda já o canal, Rita. A avó estava a ver o programa dela!

RITA A avó já não vê nada!

(pausa)

ROGÉRIO O que é que disseste?

RITA Lero lero batatinhas!

(gera-se ali uma pequena luta. Ambos gritam)

RAQUEL e ANTÓNIO Mãe! Pai!

MÃE (para PAI) Vai lá ver o que se passa ali antes que se matem um ao outro.

PAI (separando RITA e ROGÉRIO) Hei, hei! Mas o que é que se passa aqui? O que é que aconteceu?
(desliga a televisão)

RITA O Rogério bateu-me!

ROGÉRIO Não bati nada!

RITA Bateste sim!

PAI Antes da vossa troca de mimos! O que aconteceu aqui?

RITA O Rogério não me deixa ver os desenhos!

ROGÉRIO A avó estava a ver o programa!

RITA A avó já não vê nada!

ROGÉRIO Mentirosa!

(tentam engalfinhar-se novamente. O PAI separa-os)

PAI Rita, vai para o teu quarto ver televisão.

RITA Mas é muito mais pequenina!

PAI Mas é só tua. A avó tem direito a ver os programas dela.

RITA Mas ela não faz outra coisa! Eu não tenho direitos?

RAQUEL (do fundo) O que são direitos?

RITA Cala-te!

PAI Toda a gente tem direitos, filha. Mas a avó, como é mais velhinha, tem prioridade. Tu tens a vida toda para ver televisão.

RITA É pouco!

PAI (entredentes) às vezes vai te parecer demais, logo verás.

ROGÉRIO (para o PAI) É o programa da avó

Pai liga a televisão no programa da avó

CENA 5.2 | CASA | COZINHA

MÃE

PAI

AVÓ | AMÉLIA

FILHO | ROGÉRIO

FILHO | ANTÓNIO

FILHA | RITA

FILHA | RAQUEL

A AVÓ está sentada no sofá, a ver televisão, como sempre. Na cozinha, o jantar está no fim e o PAI tem algumas coisas a anunciar.

PAI Rogério, tira os pés da mesa

MÃE Senta-te à mesa, Rogério

Rita e Rogério discutem um com o outro

MÃE (para a mesa)
Não estava mau, pois não?

PAI Estava óptimo!

RITA Não gostei dos verdes!

MÃE Sempre a mesma conversa...
(pausa)
Sabes que só cresces se comeres os verdes, Rita.

RITA Não queio quescer!

MÃE Isso é o que dizes agora...
(pausa)
Olha, foi o que deu tempo para fazer...

PAI Estava perfeito, acho que foi o teu melhor rolo de carne até agora.

MÃE Ei, nem tanto. Foi só pôr no forno...

PAI Sim, mas o segredo está no molho...
(pausa)
Até me deu calores
(pisca o olho)

RAQUEL Eu tenho frio...

ROGÉRIO Eu também...

(pausa)

Se calhar devíamos pôr uma mantinha sobre a avó. Pelo menos a tapar as pernas, ela às vezes treme das pernas, sobretudo à noite.

PAI Isso não é frio, filho. Isso é a doença.

Rita liga a televisão. Rogério e Raquel juntam-se ao pé da AVÓ

RAQUEL A avó está doente?

PAI Já sabes que sim.

MÃE Tremer não tem nada a ver com a doença da avó.

(para o PAI)

Aliás, não percebo porque é que trouxeste esse assunto à baila.

PAI É tabu?

MÃE Não, não é tabu.

ROGÉRIO O que é um tabu?

MÃE (para ROGÉRIO)

Olha, vai pôr uma mantinha nas pernas da avó, como disseste. Vai.

RAQUEL O que é um tabu, mãe?

MÃE É uma coisa complicada. Deixa ver como te explico...

PAI É uma coisa de que não se pode falar, querida.

RITA Como pila?

MÃE Rita!

PAI (ri-se)

MÃE Não te atrevas a rir!

PAI Desculpa...

Rogério muda o canal para o programa da avó e esconde o comando. Rita e Rogério discutem.

CENA 5.2 | CASA | COZINHA

De qualquer modo, temos de falar disto, não achas?

MÃE Como assim?

PAI Quer dizer, as coisas não podem continuar assim. A tua mãe praticamente já não fala. É um perigo para si mesma. Levanta-se para ir buscar qualquer coisa à cozinha, a meio esquece-se do quê, deixa a porta do frigorífico aberto, esquece-se de puxar o autoclismo, não sabe nunca dos sapatos!

MÃE Uau, que catástrofe! Isso numa manhã má pode acontecer a qualquer um de nós.

PAI É diferente, e tu sabes. Já não está capaz de cuidar de si própria. Não janta connosco à mesa. Não participa nas conversas. Já nem toma banho sozinha!

MÃE Não te preocupes que eu vou tratando das coisas. Não vai sobrar nada para ti...

PAI Não é nada disso que me preocupa, Marta.

MÃE Então é o quê?

PAI Já viste o que pode acontecer no pouco tempo que ela passa sozinha em casa?

MÃE São só umas horas, Henrique, acho que não vai pegar fogo à casa no pouco tempo que espera que a gente chegue.

PAI Não sei. Não deveríamos arriscar. As coisas têm tendência a ficarem cada vez mais complicadas. E não é só isso...

MÃE É o quê mais? É o que mais?

PAI É as crianças. As crianças já nem sequer podem ver televisão juntas... Parte-me o coração de estar sempre a mudar de canal quando a Rita quer ver os bonecos.

MÃE Ó Henrique, que importância é que isso tem? Eles que vejam no quarto!

PAI Nos quartos deles as televisões são demasiado pequenas para eles verem juntos.

MÃE Estás a inventar problemas.

PAI Isto pode prejudicar muito a evolução deles enquanto seres humanos...

MÃE Não verem televisão juntos! Ah!
Eles até têm os telemóveis, Henrique!

PAI Mas não é disso que estou a falar! É de companhia, de empatia, de criar memórias para a vida.

MÃE A verem desenhos idiotas uns ao lado dos outros? Ó Henrique, não me lixes...

PAI Eu tenho muitas e boas memórias de infância a ver televisão com os meus irmãos.

MÃE Tu nem gostas dos teus irmãos! Nem no Natal lhes ligas!

PAI Isso aconteceu depois. Não tem nada a ver! Não tenho culpa de eles se terem tornado as bestas que são!

(pausa)

Tu também não gostas dos teus irmãos!

MÃE Mas que tem isso a ver com a conversa? Tu não estás bom da cabeça!

(sai do quarto, para as CRIANÇAS na sala. Volta a discussão entre Rogério e Rita)

Meninos, vocês fazem questão de ver televisão na sala todos juntos quando chegam da escola?

(RITA e RAQUEL respondem que sim, ROGÉRIO responde que não. ANTÓNIO responde talvez)

PAI (enquanto a mãe volta para o quarto). Vês, três a favor, contra dois, uma abstenção

MÃE (boquiaberta e desanimada)
Isto não é justo, Henrique, tu sabes que isto não é justo...

PAI Eu sou estou a propor que ela fique mais tempo no quarto dela quando chegamos a casa para podermos usufruir da sala, Marta. Nada mais.

MÃE E se ela precisar de ir à casa de banho ou de beber um copo de água e não se conseguir orientar? Quem a ajuda? Eu estando na cozinha vou dando uma vista de olhos de vez em quando, e sinto-me mais perto dela, sinto que ela está mais segura aqui, mais acompanhada.

(pausa)

Irra, parece que estamos a falar de um cão...

(ROGÉRIO aproxima-se com a manta da AVÓ)

ROGÉRIO Eu ajudo, mãe. Não te preocupes, que eu ajudo.

RITA (na sala, para a AVÓ)

Tabu é pila...

CENA 5.3 | CASA

AVÓ | Amélia
FILHO | ROGÉRIO

O FILHO chega da escola e vai ter com a AVÓ, à sala. RAQUEL e RITA vêm televisão no quarto. ANTÓNIO está sozinho noutra divisão, o PAI trabalha no quarto e a MÃE trata de várias tarefas pela casa

MÃE Rogério! Já levaste a avó à casa de banho?

FILHO Não, vou agora.
(para a AVÓ)
Queres ir à casa de banho, avó? Avó? Queres ir à casa de banho?
(olha para debaixo da manta)
Ah, já foste...

Tenta levantar a avó para a levar à casa de banho, sem sucesso.
Liga a televisão
RITA e RAQUEL já estão ao pé de ANTÓNIO, que não lhes liga

RAQUEL Põe a televisão mais baixo!

Rogério, entretanto, põe a televisão mais alta. Todos na casa ouvem.
Rita, Rogério e Raquel começam a discutir

RAQUEL Rogério! Desliga a televisão! Rogério

RITA Baixa a televisão, Rogério! Rogério!

FILHO Faz pouco barulho!

RAQUEL Rogério! Avó!

FILHO Calem-se!

Instala-se a confusão

PAI (gritando na direcção do corredor)
Mas que algazarra é esta?!

RAQUEL O mano não nos deixa entrar!

RITA O mano é idiota!

PAI Olhem, deixem-se de fazer barulho e vão ajudar a pôr a mesa. Queriam a sala só para vocês, agora que a têm já não querem estar na sala, ninguém vos percebe.

A avó aplaude o final da música

FILHO (enquanto lhe tira a manta das pernas) Anda, avó. Vamos tomar banho.

Ajuda-a a levantar-se

CENA 5.4 | TODAS AS PARTES DA CASA

4 AVÓS

4 NETOS

A cena conta com quatro avós e três netos; ou seja, quatro atrizes/actores caracterizados de avó e os correspondentes netos.

Começamos com escuridão. Alguém abre a porta, é o NETO. Dirige-se para o quarto onde a AVÓ está sentada a ver televisão. Há um follow spot que segue o NETO até lá, depois a luz fica em cima dos dois que se reencontram ao final do dia. O NETO senta-se ao lado da AVÓ. Sorri. Encosta a cabeça ao seu braço. Ficam assim.

Entra outro NETO pela porta. Atira a mochila para um dos sofás. Segue-o um follow spot. A AVÓ está sentada numa poltrona. O NETO senta-se no seu colo. Ficam assim.

Entra outro NETO. Segue-o outro follow spot. Vai para a cozinha onde a AVÓ está a beber um copo de água. Abraça-se a ela, por trás. Ficam assim.

No quarto a AVÓ puxa a cabeça do NETO para o seu colo e faz-lhe festinhas no cabelo.

Na sala o NETO vai buscar uma escova e começa a pentear a AVÓ.

Na cozinha a AVÓ vira-se para o NETO, abraça-o e aproveita para lhe fazer cócegas. Este debate-se.

No quarto a AVÓ levanta-se, o NETO pega no comando e muda de canais. A AVÓ vai buscar uma coisa à gaveta.

É um tabuleiro de xadrez. Mete o tabuleiro sobre a cama e dispõe as peças sobre ele. A AVÓ joga xadrez com o NETO.

Na sala, a AVÓ ensina ao NETO como fazer uma trança. Explica-lhe com os seus próprios cabelos, sob o seu olhar atento. O NETO fica então a tentar fazer uma trança à AVÓ.

Na cozinha AVÓ e NETO divertem-se a trocar coisas de sítio. Cumplicemente vão tirando víveres de umas prateleiras e pondo noutras. Trocam o sítio às máquinas de cozinha. Fazem sinais um para o outro de silêncio cúmplice.

No quarto o NETO derruba o tabuleiro «sem querer» por estar a perder. A AVÓ finge que se zanga. Faz cócegas ao NETO.

Na sala o NETO vai buscar um batom para pintar os lábios à AVÓ, mas ela tira-lho das mãos e começa a pintar-lhe os lábios a ele.

Na cozinhas, AVÓ e NETO, sentados um de frente para o outro, atiram amendoins à boca um do outro, rindo. De repente, insinua-se uma música que lentamente vai crescendo em volume e a AVÓ vai-se levantando e começa a dançar.

Na sala a AVÓ também se vai levantando para dançar. E no quarto. No quarto, passados alguns segundos, a AVÓ vai buscar o NETO para dançarem juntos. Mete-lhe os pés sobre os pés dela para o ensinar. O NETO olha embevecido para a AVÓ enquanto esta

conduz a dança. O mesmo vai acontecendo, com desfasamento de tempo, na sala e na cozinha.

Pouco a pouco os pares que estão no quarto e na cozinha vai derivando para a sala, onde se encontram agora todos a dançar.

À medida que a intensidade da música acelera, os pares vão trocando e se confundindo. As AVÓS dançam umas com as outras, os NETOS idem. Trocam e trocam e trocam de pares.

Passado algum tempo ouvem-se passos nas escadas do prédio. Um a um os pares vão parando para escutar o que aí vem. Os três pares de AVÓS/NETOS desaparecem do palco.

(um vai se esconder no quarto, que está escuro, o público não o vê passar para lá)

Entram a restante família em casa (ver como articular entre actores e figurinos para dar tempo para que este monumento seja possível.)

MÃE Alô! Chegámos.
(para quem a ouça)
Onde é que estão?

ROGÉRIO No quarto!

(PAI e FILHAS vão para a cozinha, cavaqueando, «quem tem fome, o que querem comer, como correu a escola, etc».)
(A MÃE dirige-se para o quarto. A televisão está ligada.)

MÃE Não me digam que estão outra vez a ver o gordo.

ROGÉRIO É o programa preferido da avó!

(ROGÉRIO está sentado ao lado da AVÓ imóvel. A MÃE vem dar um beijinho a ambos. Quando está a sair do quarto vira-se para o FILHO)

MÃE Vamos comer frango. Não te esqueças de desfiá-lo para a avó não se engasgar.

ROGÉRIO Tem amendoins?

MÃE O quê?

ROGÉRIO Se o frango tem amendoins.

MÃE Claro que não, porque é que haveria de ter amendoins? Já comeste frango com amendoim?

ROGÉRIO Estava a brincar, mamã.

(a MÃE olha enternecida para ambos. Fecha a porta. AVÓ e NETO riem baixinho, cumplicemente).

CENA 5.5 | CASA

PAI

FILHO | ROGÉRIO

O FILHO entra apressadamente em casa, vindo da escola. Procura pela AVÓ no quarto, quando verifica que esta não está lá, procura por ela no resto da casa.

FILHO (dentro do quarto, mirando tudo, como se a AVÓ pudesse estar debaixo de uma almofada ou nas frinchas da cama)

Avó! Avó, onde estás?

(sai do quarto como entrou, a correr, vai directamente à casa de banho. Toca à porta da casa de banho).

Avó, estás aí? Está alguém aí?

(abre a porta da casa de banho. Ninguém. Corre para a sala. Continua a procurar pela a AVÓ.)

Avó! Onde é que estás? Hoje a brincadeira é esta, é? Escondidas?

(ri-se)

Tudo bem, eu já te encontro!

(corre pela sala)

Para tua informação, eu sou o melhor da rua nas escondidas!

(corre para a cozinha)

(fala para si próprio em voz alta)

Aqui é muito fácil. Aqui não há sítio para te esconderes. Espera, deves estar no meu quarto! Isso é que era engraçado!

(corre para o quarto, desfaz a cama, chama pela avó, abre o roupeiro)

Ia jurar que estarias aqui!

(na sala surge o PAI, vindo da rua)

(ouvindo o barulho da porta, o FILHO corre para a sala)

Pai! Olá. Viste a avó?

PAI Ah, já estás em casa... pensei que ias chegar mais tarde...

FILHO A stora sentiu-se mal e teve de ir para casa. As meninas da turma disseram que era daquelas cenas de «gaja». Não percebi mas calhou bem. A avó?

PAI Olha, fui levá-la agora. Já era para ter falado contigo há uns dias mas com o trabalho e assim... esqueci-me.

FILHO Levá-la onde? Vamos ter com ela? Vamos jantar fora?

PAI Não, não é bem isso. Olha, senta-te aqui comigo.

(dirige-se para o sofá e senta-se. Aponta para o lugar ao lado dele e convida o FILHO a sentar-se)
(O FILHO dirige-se para o sofá desconfiado)

PAI Então, em primeiro lugar, queria te dar os parabéns...

FILHO Parabéns? Mas não é o meu aniversário. Ou é?

PAI Não, não são esses parabéns. É outro tipo de parabéns. Os parabéns por uma tarefa bem cumprida. Foste incansável com a avó. Incansável e impecável. Ajudaste muito a tua mãe, que foi tendo cada vez mais confiança em ti. E cresceste muito no processo. Estás um homenzinho. Tenho muito orgulho em ti, Rogério. O que fizeste não está ao alcance de qualquer um, sobretudo na tua idade. Parabéns.

FILHO Oh, não é nada, pai. Eu gosto muito da avó. Não custa nada. Vamos ter com ela agora?

PAI Não, filho. Não vamos. A avó...
(pausa)
A avó, como dizer isto?

FILHO Que tem a avó, pai?

PAI Olha, lembras-te de termos falado da doença da avó. A doença que se tornou a razão pela qual ela acabou por ficar a maior parte do tempo? A...

FILHO A demência.

PAI Isso, a demência...

FILHO Ó pai, mas a avó não está doente!

PAI Espera, deixa-me acabar de falar...

FILHO A avó estava a fingir! A avó está ótima! Não gosta é de falar, o que na idade dela é normal...

PAI Rogério! Não tornes isto mais difícil do que é. Deixa-me acabar...
(pausa)
A doença da avó não tem cura, filho. Só piora. Tu ainda não...

FILHO Mas a avó não está doente!

PAI Cala-te, Rogério! Cala-te só um bocadinho.

Porra!

(o FILHO estremece)

Desculpa. Estou nervoso. Nada disto é fácil para mim.

A doença da avó é lixada, filho. As pessoas vão ficando cada vez mais dependentes. Vão precisando de cada vez mais cuidados que nem eu, nem a tua mãe, nem tu na tua infinita bondade podem prover. É assim a vida.

Pá, e a vida é injusta. A tua avó é como uma mãe para mim. Era. Já foi. Porra.

Uma mulher tão corajosa, tão bondosa. Se há alguém que não merecia ir assim era ela.

(pausa)

Tu vais ver, vais crescer e vais ver que não há qualquer justiça divina na distribuição das nossas sortes e azares. Pode acontecer só coisas más a uma pessoa boa e vice-versa. Esta porra às vezes parece que não faz sentido nenhum...

FILHO (muito emocionado)

A avó foi para onde?

PAI A tua avó foi para um lar, filho.

FILHO Eu quero ir ver a avó.

PAI Iremos ver a avó, mas mais tarde. Mais perto do Natal. Prometo-te. Não podemos ir agora. É muito longe.

FILHO Eu quero ir ver a avó!

PAI Ela está a ser bem tratada, acredita. Aquilo custa os olhos da cara mas é impecável. Tudo moderno. Tudo a brilhar. Não é como aqueles lares de vão de escada onde as pessoas vão largar os velhos a ver se eles morrem depressa e longe. É uma coisa cinco estrelas. Ainda por cima especializada na doença da tua avó...

FILHO A avó não está doente! A avó só não gosta de vocês! A avó nunca esteve doente!...

PAI Filho, negar a realidade não vai ajudar nada...

FILHO A avó ensinou-me a jogar xadrez! A avó ensinou-me a fazer uma trança! A avó ensinou-me a fazer massa para crepe! A avó ensinou-me a dançar!...

PAI Pára com isso, Rogério! Pára já com isso que não tem piada nenhuma!

FILHO A avó passava o dia à espera que eu chegasse para brincarmos! E para jogarmos às escondidas e dançar, a avó ensinou-me a dançar doze músicas diferentes!...

PAI Pronto, para mim chega. É óbvio que isto te fez mais mal que bem! Aliás, tu foste uma das razões pelas quais decidimos tomar esta decisão, que muito nos custou. Tu e a tua obsessão pela avó!

FILHO Mas eu não fiz nada de mal...

PAI Não fizeste, isso não fizeste...
Mas passares o tempo todo com uma velha demente e nem sequer...

FILHO A AVÓ NÃO É DOENTE!

PAI EU NÃO DISSE DOENTE!
PORRA!
(respirando)
Mas é a mesma coisa.
Filho, não tornes isto mais difícil...

FILHO EU QUERO VER A AVÓ!

PAI E vais ver a avó. No Natal a gente vai lá e tu podes levar-lhe uma prenda especial. Ela vai adorar, vais ver.

FILHO EU QUERO VER A AVÓ AGORA!

PAI Não podes! Não podes, porra! A avó está longe! E está bem. E tu estás melhor assim! Vais voltar a brincar com os miúdos da tua idade! Vais voltar a ir ao cinema ao sábado à tarde! Vais voltar...

FILHO EU NÃO QUERO BRINCAR COM NINGUÉM! EU QUERO VER A AVÓ!
EU QUERO A AVÓ DE VOLTA!
EU QUERO A AVÓ DE VOLTA!
(chora)
Vocês mataram a avó!

PAI Não digas isso nem a brincar. Não gostavas mais da avó do que...

FILHO VOCÊS MATARAM A AVÓ E EU VOU DIZER TUDO À POLÍCIA!

PAI NÃO DIGAS PARVOÍCES QUE TODA A GENTE NO PRÉDIO
OUVE OS TEUS GRITOS!

FILHO EU VOU CONTAR TUDO E DEPOIS E DEPOIS
E DEPOIS VOCÊS VÃO TODOS PARA A PRISÃO, TODOS!

PAI Por favor, Rogério, pára com isso, peço-te por favor que pares
de dizer essas coisas!

(O FILHO levanta-se de repente, corre para a porta da rua,
abre-a e sai a correr)

ROGÉRIO! ROGÉRIO POR FAVOR VOLTA AQUI!

(O PAI sai disparado atrás de ROGÉRIO)

ROGÉRIO, AINDA CAIS NAS ESCADAS! ROGÉRIO!

(O PAI que bateu na porta à saída, fá-la fechar-se sobre si
própria com estrondo).